

**Representações da religiosidade portuguesa num relato de viagem de
Oitocentos: *Narrative of a Spring Tour in Portugal* (1870), de Alfred
Charles Smith**

Francisca Baptista Nunes da Silva

**Dissertação de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas
Variante de Estudos Ingleses e Norte-Americanos**

Maio, 2018

(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública)

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, Área de Especialização em Estudos Ingleses e Norte-Americanos, realizada sob a orientação científica da Prof^a Doutora Maria Zulmira Castanheira.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus pais, cujo apoio, sendo fulcral em tudo o que me respeita, teria também de sê-lo, como foi, em relação à feitura desta dissertação.

O meu especial agradecimento vai para a minha orientadora, a Prof^a Doutora Maria Zulmira Castanheira, pelas sábias e preciosas sugestões e pela permanente disponibilidade, apesar dos seus muitos afazeres. O que nesta dissertação for considerado menos meritório não é, naturalmente, da sua responsabilidade.

Representações da religiosidade portuguesa num relato de viagem de Oitocentos:

Narrative of a Spring Tour in Portugal (1870), de Alfred Charles Smith

Francisca Baptista Nunes da Silva

Resumo

Esta dissertação tem como objectivo central a descrição e análise do modo como é representada a religiosidade portuguesa na obra *Narrative of a Spring Tour in Portugal* (1870) do viajante inglês Alfred Charles Smith (1822-1898), um clérigo anglicano e afamado ornitólogo que visitou este país ibérico entre Abril e Maio de 1868. A visão do forasteiro foca-se nos aspectos que mais o impressionaram, nomeadamente a arquitectura das igrejas e mosteiros que teve oportunidade de ver, as expressões de espiritualidade associadas a esses lugares sagrados e as manifestações de piedade popular, como as procissões, que sempre atraíram os estrangeiros, sobretudo os britânicos, que há muito demandavam Portugal, quer em busca de um clima ameno e de belas paisagens, quer do pitoresco e do exótico dos usos e costumes.

Após uma breve referência biobibliográfica relativa ao autor (Introdução) e um enquadramento teórico da Escrita de Viagem, em articulação com a Imagologia literária e cultural, disciplina que encontra nas narrativas de viagem um terreno particularmente fértil para a aplicação dos seus instrumentos de análise e conceitos operativos como os de imagem, auto-imagem, hetero-imagem e estereótipo (Capítulo 1), insere-se Alfred Charles Smith na tradição britânica dos relatos de viagem sobre Portugal, procurando apontar o que no seu testemunho existe de singular (Capítulo 2), para finalmente fazer uma descrição e análise dos aspectos da religiosidade portuguesa que mais prenderam a atenção deste Reverendo anglicano em terras de católicos, estabelecendo-se em simultâneo um cotejo/diálogo com outros viajantes (alguns dos quais lidos por Smith) britânicos que se pronunciaram sobre a mesma temática (Capítulo 3).

Narrative of a Spring Tour in Portugal apresenta-nos a visão de alguém que demonstra genuína curiosidade e abertura em relação ao Outro (português) e se pauta pela elegância nas suas apreciações, sem deixar de anotar o que lhe desagradava, mas nunca caindo na crítica fácil ou ácida, por vezes, injusta, que, em muitos outros viajantes, ostenta a marca de uma (imperial) postura de superioridade face a um país periférico, Portugal, um pequeno reino saudoso das glórias do passado.

Entendeu-se tratar os diferentes tópicos abordados por Alfred Charles Smith acompanhando o itinerário percorrido pelo autor. As abundantes citações do seu texto destinam-se a ilustrar o tipo de considerações que o viajante inglês teceu, dando a ouvir a sua própria voz e modo de dizer. Ainda que de forma breve, fornece-se alguma contextualização histórico-religiosa que se julgou pertinente e de utilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita de Viagem, Século XIX, Grã-Bretanha, Portugal, Religião e Religiosidade, Imagologia

**Representations of Portuguese Religiosity in a Nineteenth-century Travel Account:
Narrative of a Spring Tour in Portugal (1870) by Alfred Charles Smith**

Francisca Baptista Nunes da Silva

Abstract

This dissertation aims at describing and analysing how Portuguese religiosity is represented in *Narrative of a Spring Tour in Portugal* (1870) by the traveller Alfred Charles Smith (1822-1898), an Anglican clergyman and famous ornithologist who visited this Iberian country between April and May 1868. The outsider's vision focuses on the aspects that impressed him most, namely the architecture of churches and monasteries he was able to visit, the expressions of spirituality associated with those sacred places and the manifestations of popular piety such as the processions that always attracted foreigners, especially the British, who long sought out Portugal, whether in search of a mild climate and beautiful landscapes or of picturesque and exotic customs and manners.

After some biobibliographical data about the author (Introduction) and a theoretical framework of Travel Writing, in articulation with literary and cultural Imagology, a discipline that finds in travel narratives a particularly fertile ground for the application of its instruments of analysis and concepts such as image, self-image, hetero-image and stereotype (Chapter 1), I consider Alfred Charles Smith in the light of the British tradition of travel accounts about Portugal, seeking to point out what is singular in his testimony (Chapter 2), lastly to describe and analyse the aspects of Portuguese religiosity that most caught the attention of this Anglican cleric in a land of Catholics, at the same time establishing a comparison/dialogue with other British travellers (some of whom read by Smith) who wrote about the same theme (Chapter 3).

Narrative of the Spring Tour in Portugal presents us with the vision of someone who evinces genuine curiosity and openness towards the Other (the Portuguese) and is guided by elegance in his appreciations, not avoiding notes of what he dislikes but never falling into sometimes unfair easy or acid criticism, which, in many other travellers' accounts, bears the mark of an (imperial) posture of superiority vis-a-vis a peripheral country, Portugal, a small kingdom yearning after the glories of the past.

The different topics addressed by Alfred Charles Smith are treated here in accordance with the itinerary followed by the author. The abundant quotations from his travel account are intended to illustrate the kind of consideration which the English traveller made, allowing his own voice to be heard. Although briefly, some historical-religious contextualization is provided which I consider pertinent and useful.

KEYWORDS: Travel Writing, Nineteenth Century, Great Britain, Portugal, Religion and Religiosity, Imagology

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo 1- Escrita de Viagem e imagem do estrangeiro: breve enquadramento teórico	4
Capítulo 2- Alfred Charles Smith e a tradição britânica de narrativas de viagem sobre Portugal	12
2.1. As razões da procura de Portugal como destino turístico	12
2.2. A singularidade da voz de Alfred Charles Smith face a outros viajantes de além-Mancha	18
Capítulo 3- Representações da religiosidade portuguesa em <i>Narrative of a Spring Tour in Portugal</i>	28
3.1. Um anglicano em terra de católicos	28
3.2. Espaços religiosos (arquitectura e ambiências), manifestações e referências histórico-religiosas	36
a) Lisboa: Carmo, Sé Catedral e os Jerónimos, com uns corvos pelo meio	37
b) Évora e os ecos da Inquisição	43
c) Alcobaça e Batalha: a rota dos nobres mosteiros	48
d) Coimbra: a “Lusa Atenas”	57
e) Porto: com vista para as procissões	59
f) Braga e Bom Jesus do Monte: um santuário aquém do esperado	65
Conclusão	69
Bibliografia	74
Anexo	80

INTRODUÇÃO

A obra *Narrative of a Spring Tour in Portugal*, de Alfred Charles Smith (1822-1898), um clérigo anglicano inglês e reputado ornitólogo que se interessou também pela arqueologia, a história natural e as viagens, foi publicada em Londres, em 1870, pela editora Longmans, Green, and Co.. Não abundam os dados biográficos sobre o autor, mas sabe-se que se formou na Universidade de Oxford (Christ Church), tendo sido mais tarde, entre 1852 a 1878, Reitor da All Saints Church, em Yatesbury, no condado de Wiltshire. Foi membro honorário da British Ornithologists' Union e secretário honorário da Wiltshire Archæological and Natural History Society. Correspondeu-se com Charles Darwin.¹

Da sua reputação como ornitólogo se fala numa nota publicada no volume 37, número 965 da revista *Nature*, de 26 de Abril de 1888, sobre *The Birds of Wiltshire. Comprising all the Periodical and Occasional Visitants, as well as those which are indigenous to the County* (1887), outra das suas obras, aí se realçando as áreas em que se notabilizou:

BY all ornithologists Wiltshire will be admitted to be a county the birds of which are worthy of a volume; and all ornithologists, who know, even by name and reputation only, Mr. Alfred Charles Smith, will admit that he of all men is the proper author of that volume. Nominally but the Honorary Secretary of the Wiltshire Archæological and Natural History Society, the Rector of Yatesbury has for many years past been its most active officer, and the editor of its organ — the *Wiltshire Magazine* — to say nothing of the various “by-blows” of which he has at times been delivered in the shape of “Tours” in Portugal, Egypt, and Palestine, or of the very laborious and important work on the “British and Roman Antiquities of the North Wiltshire Downs” — that work which so narrowly escaped total destruction — nearly all the copies of the original edition having perished by a disastrous fire while in the binders' hands.²

A paixão que tinha pela história surge patenteada, por exemplo, no prefácio à sua obra *Guide to the British and Roman antiquities of the North Wiltshire downs in a hundred square miles round Abury. Being a key to the large map of the above* (1884):

¹ Cf. Oliveira 272.

² “Mr. A. C. Smith's ‘Birds of Wiltshire’” 601.

It is not surprizing, then, that when in 1852 I became Rector of Yatesbury, and found my home happily situated in the very heart of the district which is more rich in antiquities than elsewhere in this country, or indeed — as I believe — in England, I should soon have begun to examine in detail the various monuments of byegone ages which surrounded me, and to interest myself in their preservation.³

Homem viajado, Smith deu ainda à estampa, para além do relato que constitui o objecto de estudo da presente dissertação e dos já referidos *The Birds of Wiltshire. Comprising all the Periodical and Occasional Visitants, as well as those which are indigenous to the County* (1887) e *Guide to the British and Roman antiquities of the North Wiltshire downs in a hundred square miles round Abury. Being a key to the large map of the above* (1884), as seguintes obras: *The Nile and its Banks. A Journal of Travels in Egypt and Nubia, Showing their Attractions to the Archaeologist, the Naturalist and General Tourist* (1868), em dois volumes; *Narrative of a modern pilgrimage through Palestine on horseback, and with tents* (1873); e *The autobiography of an old passport: chiefly relating how we accomplished many driving tours with our own English horses, over the roads of western Europe, before the time of railways* (1893). Escreveu também um artigo sobre as aves em Portugal para a revista inglesa de ornitologia *Ibis*, em Outubro de 1868, intitulado “A Sketch of the Birds of Portugal”.

Na obra em análise não é referida a data exacta da viagem a Portugal, mas o livro foi, como se disse, publicado em 1870, apresentando o prefácio, datado de Fevereiro desse ano, referências a Yatesbury Rectory (a indicação de que era Reitor de Yatesbury consta, aliás, na capa) e a Christ Church, em Oxford. No entanto, na revista acima referida (*Ibis*), o autor informa-nos de que esteve em Portugal entre Abril e Maio de 1868: “The following observations on the Ornithology of Portugal are the result of a visit which I paid to that country in April and May of the present year”.⁴

Tendo nascido em 1822, o autor teria uma idade próxima dos 45 anos quando, acompanhado do pai, se deslocou a Portugal. Era, pois, um homem ainda relativamente novo (o que lhe permitia meter-se pelos campos em busca das aves da sua paixão) e com larga bagagem cultural e interesses diversificados.

³ Smith, 1884: III.

⁴ Smith, 1868: 428.

No prefácio a *Narrative of a Spring Tour in Portugal* o autor alude a algumas das suas viagens, como as que fez à Noruega (1850), Espanha (1861) e França (1851, 1861, 1864), assumindo-se como um lídimo representante da paixão dos ingleses, *maxime* dos vitorianos, pelas viagens. Mais adiante, como veremos, explica as razões que o levaram a escolher Portugal como destino turístico e os motivos pelos quais se aventurou a dar à estampa um volume sobre este país ibérico.

Apresentado que está o autor através dos breves apontamentos de cariz biobibliográfico que foi possível recolher, cumpre explicar a estrutura da presente dissertação, concebida em função da pergunta de investigação que a norteia: como representou Alfred Charles Smith a religiosidade portuguesa em *Narrative of a Spring Tour in Portugal*? Dada a formação do viajante em causa, a relevância que tal temática assume no seu relato é naturalmente compreensível.

Assim, o Capítulo 1 fará um enquadramento teórico da narrativa em análise no género da Escrita de Viagem, o qual, nas últimas décadas, tem despertado um considerável interesse junto da academia, não apenas no domínio da literatura mas de outras disciplinas da área das ciências sociais e humanas, como a história, a sociologia, a geografia e a antropologia. O Capítulo 2, por seu turno, preocupar-se-á em contextualizar Alfred Charles Smith na vasta galeria de viajantes britânicos que há muito visitavam Portugal, ainda que repetidamente as obras publicadas acerca deste país ibérico (geograficamente próximo) insistissem em que se tratava de um destino pouco conhecido e explorado pelos viajantes provenientes de além-Mancha (o próprio Reverendo Smith não foge a esta regra...). Finalmente, o Capítulo 3 desenvolverá o tema central da dissertação, assumindo, por um lado, um cariz descritivo, no sentido em que procederá a um levantamento do que o autor considerou mais relevante salientar quanto à religião em Portugal, e, por outro, esforçando-se por estabelecer um diálogo entre a obra de Smith e um conjunto de outros relatos de viagem britânicos sobre Portugal que também veicularam descrições, comentários e opiniões sobre este tema que tão recorrente é nas narrativas redigidas por conterrâneos de Smith, quer anteriores quer posteriores. Por último, serão tiradas algumas conclusões do estudo realizado, não só em jeito de balanço do percurso feito, mas lançando também algumas pistas para trabalhos futuros que possam ampliar a visão da temática em foco.

CAPÍTULO 1

ESCRITA DE VIAGEM E IMAGEM DO ESTRANGEIRO: BREVE ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A Escrita de Viagem, actualmente muito trabalhada no meio académico, como se disse atrás, e que tem vindo a dar origem a inúmeros estudos de natureza interdisciplinar, não é um género de simples e fácil definição, como reconhece a bibliografia teórica sobre a matéria, a que se junta a falta de consenso quanto à sua própria designação (Literatura de Viagens? Escrita de Viagem?). Jan Borm, em “Defining Travel: On the Travel Book, Travel Writing and Terminology”, problematiza precisamente esta questão e demonstra a variação terminológica que lhe está associada: “Among the wide range of terms in use are: ‘travel book’, ‘travel narrative’, ‘journeywork’, ‘travel memoir’, ‘travel story’, ‘travelogue’, ‘metatravelogue’, ‘traveller’s tale’, ‘travel journal’ or simply ‘travels’ [...], and, in a different vein, ‘travel writing’, ‘travel literature’, ‘the literature of travel’ and ‘the travel genre’”.⁵ Dado o seu carácter híbrido, por poder apresentar-se sob muitas formas — cartas, diários (estando hoje em moda os diários gráficos), ensaios, memórias, esboços, prosa poética... — e situar-se entre a não-ficção e a ficção (construindo-se frequentemente o viajante-narrador em protagonista e personagem da sua própria história), Borm chega mesmo a contestar que estejamos perante um *género*, preferindo antes falar em *categoria temática*:

The point to determine, therefore, is whether *travel writing* is really a genre at all. I shall argue here that it is not a genre, but a collective term for a variety of texts both predominantly fictional and non-fictional whose main theme is travel. [...] Finally, I would like to stress that the literary is at work in travel writing, and that it therefore seems appropriate to consider the terms *the literature of travel*, or simply *travel literature*, as synonymous of *travel writing*.⁶

Já Fernando Cristóvão, na Introdução, a que deu o título “Para uma teoria da Literatura de Viagens”, da obra por si coordenada *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografia*, afirma: “Pensar em Literatura de Viagens, é antes de mais, admitir que há um conjunto de textos que à viagem foram

⁵ Borm 13.

⁶ *Ibid.* 13.

buscar temas, motivos e formas que, na sua globalidade, se identificam como um conjunto autónomo, distinto de outros conjuntos textuais”.⁷ Mais adiante, na busca de uma definição num domínio em que as fronteiras são difíceis de delimitar, escreve o seguinte:

Por Literatura de Viagens entendemos o subgénero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de carácter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas.

E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registo: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã.⁸

Como se vê, neste caso o autor opta por falar em Literatura de Viagens como um subgénero literário que se centra na *descrição* do observado durante a viagem, descrição essa que, importa ter em mente, pode não ser fiel e exacta, como o leitor esperaria que fosse, e sim uma construção/representação que mistura o factual com o produto da imaginação do viajante. A esta oscilação ou dualidade se reporta o famoso escritor de viagens americano Paul Theroux (1941-):

A narrativa de viagem é a mais antiga do mundo, a história que o errante conta ao povo reunido à volta da fogueira depois do seu regresso de uma jornada. «Isto foi o que vi» - notícias do mundo mais vasto; o bizarro, o estranho, o chocante, histórias de animais ou de outras pessoas. «São como nós!» ou «Não são nada como nós!» A história do viajante tem sempre a natureza de reportagem. E também é a origem da ficção narrativa, o viajante a animar um grupo a dormir com pormenores inventados, a adornar com base na experiência.⁹

Não cabe no âmbito da presente dissertação aprofundar a discussão em torno das diferentes designações possíveis e respectivas justificações,¹⁰ mas há que tomar uma posição quanto à aceção adoptada ao longo do trabalho. Assim, tendo essencialmente por base a bibliografia anglófona sobre a matéria em causa e a investigação desenvolvida por especialistas como Casey Blanton, Tim Youngs e Carl Thompson,

⁷ Cristóvão 15.

⁸ *Ibid.* 35.

⁹ Theroux 8-9.

¹⁰ Ver Campbell.

optaremos, como aqueles três investigadores, pela designação mais abrangente de Escrita de Viagem, considerando-a um género multifacetado e com valor não só literário mas também histórico, social, cultural, documental. Diz Tim Youngs na abertura da sua obra *The Cambridge Introduction to Travel Writing*:

Travel Writing, one may argue, is the most socially important of all literary genres. It records our temporal and spatial progress. It throws light on how we define ourselves and on how we identify others. Its construction of our sense of ‘me’ and ‘you’, ‘us’ and ‘them’, operates on individual and national levels and in the realms of psychology, society and economics. The processes of affiliation and differentiation at play within it can work to forge alliances, precipitate crises and provoke wars. Travelling is something we all do, on different scales, in one form or another. We all have stories of travel and they are of more than personal consequence.¹¹

Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, na obra intitulada *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, dizem: “a viagem é uma experiência do estrangeiro, vivido ou imaginado, ou ainda simultaneamente as duas coisas”.¹² Esta “experiência do estrangeiro” faz do viajante um *mediador cultural*, como o é um diplomata, ou um comerciante, ou um tradutor. É um intermediário entre culturas, alguém que estabelece uma “negociação” entre espaços interculturais, veicula imagens do Outro, tornando-o familiar, encurta distâncias, mas também dissemina estereótipos de sinal positivo ou negativo, os quais têm impacto na percepção mútua dos povos. Ao “traduzir” a experiência que teve relativamente ao estrangeiro, o viajante está a praticar um acto interpretativo, tal como faz precisamente o tradutor, que também se move entre línguas e culturas.

Viaja-se por razões várias: por lazer, pela simples procura de divertimento; por motivos de saúde, militares, comerciais, científicos, políticos; para fazer turismo cultural, religioso, cemiterial, gastronómico, desportivo; pelo desejo de aventura e descoberta; em busca do exótico, do pitoresco, do sublime, do *typical*, ou de recolhimento, de inspiração artística... Por vezes, viaja-se até sem se saber ao certo o que se busca. E há até quem viaje sem sair de casa, como Almeida Garrett, em *Viagens na Minha Terra*, que viaja simplesmente até à janela para ver uma nesga do Tejo, que ficava logo ao fim da rua. E existem ainda os que fogem de casa por “horreur au

¹¹ Youngs 1.

¹² Machado e Pageaux 33.

domicile” (Baudelaire), expressão adoptada pelo famoso autor de livros de viagens inglês Bruce Chatwin (1940-1989).¹³

Significa isto, portanto, que é extensa a tipologia do viajante e muito variadas as motivações que determinam a sua mobilidade. Em *Travel Writing: The Self and the World*, Casey Blanton explica que a viagem no século XIX, altura em que Alfred Charles Smith se deslocou a Portugal, era, por vezes, um misto de divertimento e instrução, uma forma de prazer e um fruto da curiosidade intelectual, mas também um meio de acumular conhecimento e recolher informação que pudesse beneficiar a sociedade como um todo, preocupação utilitária e educativa esta que constitui uma característica marcante dos livros de viagens vitorianos.¹⁴

Independentemente das razões que a ela subjazem, uma narrativa de uma viagem real e redigida na primeira pessoa como aquela que está aqui em análise, apresenta-se como um relato daquilo que o viajante viu e seleccionou como merecedor de ser partilhado com o público leitor. Como não poderia deixar de ser, o texto, quer seja publicado pouco depois da viagem terminada (no caso vertente, menos de dois anos), quer muito mais tarde, reflecte a formação, interesses, sensibilidade, bagagem cultural e experiência de vida do autor e implica um processo de rememoração, releitura de apontamentos e eventualmente de cartas enviadas do estrangeiro a familiares e amigos, composição, revisão, cortes e acrescentamentos, do que resulta uma obra com um cunho particular e marcado pela subjectividade de quem escreve. Ou seja, falar do Outro que se observa e registar as impressões colhidas durante a viagem envolve, necessariamente, falar de Si Mesmo, o Eu observador. Essa subjectividade, como fazem notar Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, pode ser bastante evidente em certos casos:

É importante notar as reacções físicas do viajante, o que literariamente se apresenta, por vezes, como consequências psicológicas duma situação física e material: o fechamento sobre si mesmo, o devaneio, o abandono, a alegria da descoberta, o prazer de reencontrar, a sobreposição de impressões, o mecanismo da alusão, as associações de imagens e de ideias, tudo isso relacionado com um espaço preciso. [...] Paralelamente ao percurso, por mais diverso que seja, desenvolve-se a escrita sobre si próprio.¹⁵

¹³ Ver Chatwin.

¹⁴ Ver: Blanton 20.

¹⁵ Machado e Pageaux 43.

Por mais solitário que seja o acto de viajar, e sem que se possa negar a carga subjectiva que subjaz a esta escrita, a verdade é que ela se constitui também, por vezes primordialmente, como um registo ou produto do encontro entre um Eu e um Outro, podendo verificar-se, portanto, conforme os diferentes casos, uma oscilação entre o pessoal e o impessoal, o referencial e a impressão subjectiva, e uma maior ou menor interacção entre o observador (*seer*) e o observado (*seen*).

Identidade e alteridade, diferença e semelhança são conceitos que se confrontam durante a movimentação no espaço que é a viagem, a qual implica, como já foi dito, uma espécie de negociação entre o Eu e o Outro.¹⁶ O Outro é o estrangeiro (*Foreigner*), podendo personificar uma realidade mais ou menos diferente de Nós, mais ou menos exótica. Evidentemente, a imagem que construímos do Outro reflecte o grau de familiaridade ou estranheza experimentadas. O Outro pode ser observado como um modelo admirável, exemplar, ou como algo muito ameaçador, caso em que não existe negociação possível. Por aqui se vê que a viagem nem sempre é uma experiência feliz e acolhedora, podendo ser geradora de medo do desconhecido, ódio, repulsa, xenofobia.

A Escrita de Viagem vai muito para além da mera descrição de terras e gentes, costumes e tradições: constrói e projecta imagens do Outro, muitas vezes reduzidas a fórmulas estereotipadas que podem desempenhar um importante papel no modo como os povos se olham e relacionam. Por este motivo, a Escrita de Viagem constitui um objecto de particular interesse para a *imagologia* literária e cultural, que basicamente se ocupa da investigação relacionada com as imagens mentais do Outro e de Nós Mesmos: “The term is a technical neologism and applies to research in the field of our mental images of the Other and of ourselves”.¹⁷

Na imagologia, conforme é assinalado na já citada obra *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, estudam-se representações e imagens de identidade nacional, estereótipos nacionais na literatura e em outras formas de representação cultural, imagens e representações essas que são, importa salientar, *construídas*; por isso é tão importante analisar o discurso produzido sobre o Outro e Nós Mesmos, atendendo não só às convenções discursivas mas também aos aspectos contextuais de cariz histórico e ideológico, por exemplo. Esse discurso *construído* não se baseia necessariamente em factos que sejam empiricamente verificáveis, entrando-se muitas vezes no campo a que chamamos *imaginário*. Como alertam os dois autores da obra

¹⁶ Thompson, 2011: 9.

¹⁷ Beller and Leerssen xiii.

acima citada, a imagem não é um duplicado ou análogo do real, sendo difícil, pois, determinar a partir de que momento se pode falar de falsidade do narrado. Assim, cada autor faz a «sua» representação do estrangeiro e deve-se tentar compreender a lógica que a estrutura.¹⁸

Neste contexto da imagologia literária e cultural, a Escrita de Viagem é, como já foi sublinhado, um campo de investigação muito fértil, aqui se jogando com conceitos importantes como os de *auto-imagem* (imagem de Si Mesmo), *hetero-imagem* (imagem do Outro), *contra-imagem* (aquela que contradiz uma imagem já existente) e *meta-imagem* (o modo como uma nação julga que é percebida pelos outros).¹⁹ Outros conceitos operativos — para além dos de *identidade* (que pode ser individual ou colectiva, sendo aquilo que nos define, aí se inscrevendo, quando esteja em causa um país, a língua, a literatura, os monumentos, os museus, etc.) e *alteridade* (o que se opõe à individualidade e faz com que o Outro seja, ou pareça ser, diferente)²⁰ — podem também ser úteis instrumentos de análise, como os de *centro* ou “núcleo” (o lugar onde o poder e o prestígio convergem) e *periferia* ou “margem” (referente às áreas afastadas do centro, designadamente as zonas rurais ou provinciais, por vezes com conotações mais positivas do que o *centro*, pela sua maior ligação à natureza e potencialidade regenerativa)²¹; *hibridismo* (mistura de espécies, raças, culturas, sendo o oposto da “pureza” e constituindo, não raro, um teste à aceitação da diferença, ou seja, à capacidade de se ser tolerante)²²; *preconceito* (uma opinião pré-formada, sem fundamento, que influencia a nossa percepção, descrição e julgamento dos outros, o que radica, por vezes, no etnocentrismo)²³; *representação* (designa os modos como os textos e outros meios de comunicação fornecem imagens do mundo, tratando-se de um “discurso” sobre o que se viu ou viveu, ou seja, fruto de um acto interpretativo)²⁴; e *estereótipo* (uma generalização sobre um grupo de pessoas, em que determinadas características são atribuídas a todos os membros, independentemente da diversidade existente dentro desse mesmo grupo, sendo resistente à mudança).²⁵

Ora, no discurso da Escrita de Viagem o *estereótipo*, de natureza repetitiva e rígida, assume um lugar de destaque. Abundam no género, na verdade, os estereótipos

¹⁸ Machado e Pageaux 50-51.

¹⁹ Beller e Leerssen 342-344.

²⁰ *Ibid.* 335-342.

²¹ *Ibid.* 278-281.

²² *Ibid.* 335-342.

²³ *Ibid.* 404-406.

²⁴ *Ibid.* 415-418.

²⁵ *Ibid.* 429-434.

de identidade nacional, que tendem a cristalizar ao longo do tempo, sendo continuamente confirmados por viajantes que, muitas vezes apenas com base em curtas experiências do estrangeiro, mantêm essas generalizações simplistas, abusivas, que distorcem a realidade, “fictícias”. O *estereótipo* está frequentemente associado à representação verbal ou pictórica do *preconceito*, funcionando como uma “ideia feita” que serve, por exemplo, para retratar um povo — por exemplo o *Zé Povinho* (português) ou o *John Bull* (inglês). Podendo ser dividido em *hetero-estereótipo* (as opiniões fixas que temos sobre os Outros/estrangeiros) e *auto-estereótipo* (o conjunto de características que atribuímos a nós mesmos), surge não raro ligado ao humor, à caricatura, à ironia e à sátira.²⁶ Um termo relacionado com o conceito de *estereótipo*, e muitas vezes empregue no estudo de imagens nacionais, é *cliché* (usado desde o século XIX para designar uma frase ou opinião que é muito repetida e que revela falta de pensamento original, podendo apresentar-se sob a forma de palavras, emoções, gestos e actos):

Unlike stereotypes, which also contain valorizing moral and metaphysical aspects, clichés are merely reductions of a formulaic expression.

To say that the Scots are stingy, the French are light-hearted, Germans like alcohol and Italians like singing, is to rehearse formulaic generalizations which have no basis in empirical experience not any serious purpose an oral judgement.²⁷

A imagem do estrangeiro na Escrita de Viagem reduz-se pois, frequentemente, a estereótipos, constituindo-se estes como um vocabulário fundamental na representação e na comunicação acerca do Outro. E não é fácil destruir uma imagem que se haja, por esta ou aquela razão, construído, como provam as narrativas de viagem britânicas sobre Portugal publicadas até à visita de Alfred Charles Smith a este país ibérico (e para além dela...), as quais, maioritariamente, difundiram no exterior uma imagem bastante negativa de Portugal como uma nação de gente ignorante, supersticiosa, indolente, corrupta, etc., ao mesmo tempo que exportavam com indisfarçado orgulho uma *auto-imagem* da Grã-Bretanha como uma nação plena de predicados de sinal positivo, um modelo de desenvolvimento e progresso.

Ao deslocar-se para um território diferente do do seu lugar de pertença, o viajante faz, necessariamente, uma comparação entre o Eu e o Outro, achando

²⁶ *Ibid.* 429-434.

²⁷ *Ibid.* 297.

semelhanças e diferenças que põem à prova a sua capacidade de compreensão, tolerância, aceitação. É aqui que podem entrar em consideração os conceitos de *relativismo cultural* e *etnocentrismo*, muito importantes para avaliar criticamente o ponto de vista do viajante e as relações de poder que se estabelecem entre observador e observado,²⁸ podendo o leitor aferir até que ponto o viajante é aberto à diferença (sobretudo quando esta se traduz em hábitos muito distintos dos do seu país de origem) e é capaz de um juízo objectivo e imparcial, isento de preconceitos.

Por último, importa ter em conta que a representação do Outro, conforme se refere na já mencionada obra *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, reflecte, em regra, quatro atitudes face ao estrangeiro, constituindo as três primeiras as manifestações mais nítidas de uma leitura e interpretação desse mesmo Outro: a *mania* (a realidade cultural estrangeira é tida pelo escritor ou pelo grupo como sendo absolutamente superior à cultura nacional de origem); a *fobia* (a realidade estrangeira é vista como inferior ou negativa em relação à cultura de origem); a *filia* (a realidade cultural estrangeira é tida por positiva e colocada em situação de igualdade com a cultura de origem, também ela considerada de maneira positiva); e o *cosmopolitismo* (em que não se põe o problema do juízo positivo ou negativo, pois para o escritor o estrangeiro faz parte de uma realidade mais ou menos uniforme).²⁹

²⁸ *Ibid.* 323-324.

²⁹ Machado e Pageaux 61-63.

CAPÍTULO 2

ALFRED SMITH E A TRADIÇÃO BRITÂNICA DE NARRATIVAS DE VIAGEM SOBRE PORTUGAL

2.1. As razões da procura de Portugal como destino turístico

Por Portugal têm passado muitos viajantes que traduziram em livro as impressões que este país lhes deixou, assumindo relevo, sobretudo no que diz respeito ao século XIX, as obras de britânicos, cuja paixão pelas viagens é assaz conhecida. O próprio Alfred Charles Smith tem disso consciência, ao referir-se no prefácio a *Narrative of a Spring Tour in Portugal*, rico em informação, ao grande incremento da viagem na segunda metade de Oitocentos:

If anyone will be at the pains to look back twenty years, and compare the amount of foreign travel in which our countrymen at that date indulged with the touring which prevails at present, he can hardly fail to be surprised at the enormous, rapid, and continued rate of increase in the development of what now may almost be called a *passion* of the English nation. (Smith vii)³⁰

No prefácio a *A Formosa Lusitânia: Portugal em 1873*, da autoria de Lady Jackson (viajante inglesa), obra traduzida para português europeu e anotada por Camilo Castelo Branco, escreveu, a dado passo, Maria Zulmira Castanheira, sobre o que procuravam os viajantes britânicos quando escolhiam Portugal como destino:

Ao longo da centúria de Oitocentos [...] muitos britânicos, para além de combatentes, cruzaram o território português, nomeadamente aqueles que, voluntariamente e sem razões de ordem utilitária, procuravam simplesmente alargar o seu conhecimento do mundo, satisfazer o desejo de aventura e descoberta, ou rumar em busca do «primitivo», do pitoresco, do exótico, do sublime, que apelavam à imaginação e à sensibilidade românticas.³¹

Ana Vicente, na sua obra intitulada *As Mulheres Portuguesas Vistas por*

³⁰ Optou-se por colocar a referência bibliográfica abreviada a *Narrative of a Spring Tour in Portugal* no corpo do texto, para evitar uma proliferação de notas de rodapé remetendo para a obra que constitui o objecto de análise da presente dissertação. Todas as outras referências bibliográficas abreviadas surgem em nota de rodapé.

³¹ Jackson xii-xiii.

Viajantes Estrangeiros (Séculos XVIII, XIX e XX), também se refere às motivações dos viajantes que por aqui passaram (não apenas britânicos) e considera que Portugal, embora não possuindo grandes atributos românticos como a Itália, a Grécia, a zona dos Alpes e o Oriente, oferecia, ainda assim, aos forasteiros aspectos que poderiam ser classificados como “«românticos», nomeadamente ao nível da paisagem. Encontravam o pitoresco, poderiam encontrar o belo, mas não encontravam o sublime, que tanto os transportava noutros pontos da Europa»”.³²

De facto, em Portugal, apenas Sintra viria a inspirar arrebatadas descrições que por vezes incluem o adjetivo “sublime”, tendo-se aquela serra tornado um lugar de peregrinação romântica que o poeta *Lord Byron* tanto ajudou a celebrar. Por outro lado, o país também nunca fizera parte da rota do chamado *Grand Tour*, uma longa viagem formativa que em Inglaterra floresceu a partir da segunda metade do século XVII e se tornou uma prática cultural frequente entre os filhos das classes abastadas até meados do século XIX, tendo entrado em declínio à medida que os caminhos-de-ferro se expandiram. Situado na periferia da Europa continental e visto no exterior como atrasado do ponto de vista civilizacional, Portugal não possuía atractivos que justificassem a sua inclusão numa viagem de cariz educativo que privilegiava essencialmente a Itália, a França e a Alemanha, países desenvolvidos e detentores de prestígio.

Importa referir que o desenvolvimento dos meios de transporte, sobretudo dos acima referidos caminhos-de-ferro, incrementou sobremaneira o acto de viajar, possibilitando a procura de locais mais remotos, para além de contribuir, de modo decisivo, para a democratização das viagens, que foram, paulatinamente, deixando de ser um privilégio de aristocratas e burgueses endinheirados e dando origem a novas vertentes no crescente turismo de massas. Tornou-se, por exemplo, moda a procura das cidades suíças por motivos de saúde, para a prática do alpinismo, de escaladas, ou simplesmente para contacto com o ar das montanhas.

Alfred Charles Smith, no já mencionado prefácio a *Narrative of a Spring Tour in Portugal*, sublinha precisamente o decisivo papel desempenhado pelos caminhos-de-ferro no desenvolvimento do turismo do seu tempo, agora praticado de forma muito mais fácil e confortável:

³² Vicente 22.

The immediate cause which has so violently excited British restlessness, and so vehemently promoted foreign travel, has unquestionably been the extension of railways, which now form a network over the principal portions of Europe, and which offer such great facilities to tourists; and which, by diminishing the inconveniencies and fatigue of travel, have, to a great extent, annihilated time and space, and enabled the infirm, the delicate, and even the confirmed invalid, to encounter distant journeys, without alarm at the demands on physical endurance, which even a slight trip used formerly to entail. (Smith vii)

Outro dado interessante que o autor salienta, e que tem a ver directamente com a sua própria condição de viajante em Portugal, prende-se com as suas observações acerca do aumento considerável da viagem de lazer, quer a lugares já tradicionalmente procurados, quer a outros mais longínquos e desconhecidos:

With regard to the first-mentioned English tourists, those who go abroad for pleasure alone, I shall not need to say many words in proof of my assertion, that their numbers have been increasing to an astonishing extent during the last few years. [...] But it is not only in the more beaten tracks that such evidence is apparent; in less-frequented districts, and to more remote countries, the same remark holds good. (Smith viii)

Um terceiro aspecto focado pelo autor no mencionado prefácio merece também destaque, tendo em conta o título da narrativa de viagem de Smith, efectuada na Primavera: o facto de os ingleses viajarem em todas as estações do ano. Eis o seu testemunho:

Hence, the Continent of Europe is not only inundated during the summer and autumn with vast troops of pleasure-seekers, who systematically court healthy relaxation for mind and body amid foreign scenes, and for which I, for one, heartily commend the good taste of my countrymen; but there are also periodical migrations of large bodies of English to warmer climes as the winter draws near; and again, these bodies are reinforced by the addition of considerable flights of their congeners, who, though braving the frosts and snows of winter, yet, as the cold winds of Spring begin to blow over our island, depart for the sunny south, there to bask in warmth and comfort till the easterly gales have subsided, and they may venture to return home. (Smith vii-viii)

Smith integra-se, precisamente, entre os últimos, aqueles que buscam no estrangeiro um clima ameno para fugir aos “cold winds of Spring” da Inglaterra, como confessa no tão informativo prefácio. E, ao fazê-lo, explica como foi difícil a tarefa da escolha e quais as razões pelas quais acabou por optar por Portugal como destino turístico:

On these grounds it becomes to many of us a serious matter of perplexity, when intending to escape from the March winds in England to a warmer climate, to decide where we shall go. And as all the more accessible parts of Europe are being rapidly overrun, and occupied by Englishmen, this is a difficulty which increases every year. It was therefore with no little satisfaction that, in poring over the map of Southern Europe, we espied the hitherto neglected and little-known kingdom of Portugal — so accessible both by sea and land, at so short a distance from home, with a climate notoriously warm, and yet so seldom visited by tourists. When we had once bethought ourselves of Portugal, everything seemed to impel us in that direction. We had soon mastered the contents of Murray's 'Handbook for Portugal', which by the way, is nearly the only book of modern date which we could discover to give us any practical information regarding the country we were about to visit, but which furnished us with ample instruction to enable us to form our plans, and propose our route. We found that the spring months of April and May were those especially recommended to tourists in that country, when the winter rain had passed away, and the fierce heat of summer had not yet set in. We anticipated great enjoyment in exploring the wild and very beautiful heaths for which Portugal is famous, as well as the hills and valleys of its northern provinces, in all of which our anticipations were more than realised. In short, though we started on this expedition with very high expectations of satisfaction, we returned from our two months' tour heartily gratified with the result, and eager to make known to our countrymen what a delightful field for tourists, hitherto fresh and unhacknied, lies within easy reach of England at the south-western corner of Europe. (Smith xiii-xiv)

Entre os viajantes que rumaram a Portugal nos séculos XVIII e XIX contaram-se algumas figuras destacadas das letras britânicas (William Beckford, Robert Southey, Lord Byron...), outras que deixaram a sua marca na Escrita de Viagem sobre Portugal por se terem tornado referência na matéria e serem frequentemente citadas por outros viajantes (por exemplo, James Murphy e William Morgan Kinsey), e inúmeras que a posteridade relegou para o esquecimento, mas que importa resgatar para se poder ter uma mais completa visão de conjunto das representações de Portugal nas letras de além-Mancha e detectar eventuais vozes que tenham sido mais independentes e elogiosas na sua apreciação do país, fugindo aos estereótipos negativos há muito em circulação.

Há que referir que alguns desses viajantes que demandaram Portugal, como o próprio Alfred Charles Smith, chegavam já com um grande lastro de viagens e um largo espectro de conhecimentos e interesses, o que os distinguia do perfil dos jovens rapazes que faziam o *Grand Tour*.

Se a muitos ingleses, oriundos do Norte da Europa (o *centro*), o *ultraperiférico*

Portugal chocava pelo seu atraso civilizacional e costumes retrógrados, outros houve também, contudo, que se sentiram atraídos pelo facto de Portugal ser um país eminentemente rural, exibindo ainda o “primitivismo” de uma vida simples que a Inglaterra, transformada pela Revolução Industrial, já não tinha, bem como tradições consideradas exóticas. O clima e a paisagem natural, que não dependiam da iniciativa dos portugueses, foram praticamente sempre tópicos a merecer palavras apreciadoras, mesmo quando o povo e a sociedade lusos eram retratados com cores negras e Portugal visto como um país “quase em estado selvagem, quase a barbárie”,³³ “uma barbárie de pitorescas paisagens”.³⁴

Os Descobrimentos e as suas manifestações artísticas, o Terramoto de 1755 e a acção do Marquês de Pombal na reconstrução de Lisboa foram outros tópicos que captaram a atenção de muitos viajantes ao longo de Oitocentos, para além dos vestígios dos acontecimentos relacionados com a Guerra Peninsular, um evento coincidente, como refere o Professor H. V. Livermore na obra *600 Anos de Aliança Anglo-Portuguesa*, com a idade heróica da Aliança, quando os exércitos portugueses e ingleses combateram, lado a lado, do Buçaco aos Pirenéus, para repelir as Invasões Francesas — o mesmo é dizer, contra os objectivos de dominação da Europa por parte de Napoleão.³⁵

Em *Narrative of a Spring Tour in Portugal* é concedido precisamente algum espaço à Guerra Peninsular, aproveitando o autor para destacar os feitos gloriosos dos ingleses (Smith 176) e fazendo, logo no prefácio, uma alusão engenhosa às Linhas de Torres, a propósito da capacidade e determinação do seu pai, e companheiro de viagem, na obra identificado como “F.”, em transportar o material fotográfico que lhe permitiu reunir um importante portfólio:

My dear father was my companion, as in all my best foreign tours in former years, and will again be designated in these pages as F.; and whereas I again carried a gun and a double field-glass, and all the apparatus required by an ornithologist, for obtaining and preserving specimens of birds, he was provided with his camera, and all that a photographer needs for a successful campaign amidst the most striking objects of interest; and so great was his perseverance, and so determined his attacks, that he carried away forts, churches, and cloisters at the camera’s mouth, and his portfolio remains as ample proof of his prowess, both within and beyond the strong lines of Torres Vedras, in this second, though bloodless, Peninsular war. (Smith xiv)

³³ Vicente 28.

³⁴ Castanheira, 1994: 31.

³⁵ Livermore 13.

A velha Aliança não obistou a que a postura de muitos dos viajantes britânicos fosse de manifesta superioridade, e arrogância mesmo, em relação aos portugueses e às suas principais instituições — Estado e Igreja —, que criticam, por vezes fortemente, conforme é referido por Maria Zulmira Castanheira:

A leitura dos muitos relatos de viagem sobre Portugal escritos por britânicos nas primeiras décadas do século XIX mostra-nos de imediato, e de modo inequívoco, que, se abundam neles críticas severas ao Estado e à Igreja Católica, as entidades responsáveis, segundo os autores, pelo subdesenvolvimento económico e pelo atraso cultural do nosso país, não é menos certo que em todos encontramos o enaltecimento das paisagens e do clima portugueses.³⁶

Nalgumas dessas obras, no que a aspectos religiosos se refere, criticam-se os costumes do clero, considerando-se que em Portugal a Igreja fazia vingar os seus interesses, tirando partido da fé e superstição populares e verificando-se um flagrante contraste entre a vida do clero e a do povo. São também assinalados eventos religiosos como as procissões que, com a manutenção de trajes ou formas de representação vindas do passado, prendiam a atenção dos viajantes não habituados a presenciar tais práticas. E são, ainda, recordados, por quase todos, os malefícios da Inquisição na Península Ibérica, registo a que não é indiferente (e isso mesmo é sublinhado) o facto de os ingleses terem optado, dentro do Cristianismo, por seguir um caminho que não levou aos excessos verificados em Portugal. Conforme explica Isabel Oliveira Martins, no seu estudo sobre William Morgan Kinsey (1788-1851), também ele um clérigo que visitou Portugal e sobre ele publicou um relato, *Portugal Illustrated: in a series of letters* (1828):

[...] a religião é um assunto que interessará sobremaneira os viajantes ingleses. Estes, vindos de um país protestante há mais de dois séculos, encaram o Catolicismo como marca do passado, que associam à superstição, à ignorância, à corrupção e normalmente, ao atraso do povo português. Por outro lado, a religião católica está também ligada ao mistério, ao exótico que muitos criticam, mas que não deixam de focar, pois seria esse aspecto que eventualmente mais suscitaria o interesse do público leitor inglês.³⁷

É possível verificar que, por norma, os viajantes-escritores britânicos citam outros que visitaram o nosso país, o que facilitou fortemente a transmissão e reprodução de estereótipos; mas, como já foi sugerido atrás, também houve vozes menos

³⁶ Castanheira, 1994: 34.

³⁷ Martins 60.

seguidistas, com um discurso orientado pela vontade de objectividade e fidelidade à verdade e que criam um efeito de honestidade intelectual e independência de olhar face a ideias pré-concebidas. Ao concluir o prefácio, e como justificação para a publicação da sua narrativa, Smith recomenda e promove Portugal como um destino turístico interessante e agradável, a seu ver incompreensivelmente ignorado ou desvalorizado:

With these preliminary remarks on the advantages which the sunny little kingdom of Portugal offers, and with the desire to make known the delights which we have experienced there, so that others of our countrymen may be tempted to go and taste for themselves; and under the belief that this outlying corner of Europe has been strangely overlooked, and as much neglected by authors as travellers, I venture to send forth this narrative of our tour, trusting it may meet from an indulgent public the same favour kindly accorded to my travels on the Nile. (Smith xv)

Evidentemente, o viajante que regressa não é o mesmo que partiu. A sua “bagagem” é outra no retorno a casa, no sentido em que a viagem acrescentou o seu conhecimento acerca da diversidade do mundo; no caso de Smith, Portugal passou a integrar, por assim dizer, o “mapa” dos lugares que lhe deixaram boas recordações.

2.2. A singularidade da voz de Alfred Charles Smith face a outros viajantes de além-Mancha

Quando Alfred Charles Smith passou por Portugal, 1868, estava-se no reinado de D. Luís I e ainda a uma distância muito significativa do Ultimato inglês (1890), que tão fortes manifestações de anglofobia gerou. Era o tempo em que despontava a Geração de 70, na qual avultaram figuras como as de Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Oliveira Martins, Jaime Batalha Reis e Guerra Junqueiro, lideradas por Antero de Quental, que trouxeram à cultura portuguesa uma lufada de ar fresco, sucedendo que no ano da publicação de *Narrative of a Spring Tour in Portugal*, 1870, Eça (que viria a ser cônsul em Newcastle e Bristol e que, no romance *Os Maias*, incluiu na caracterização de Carlos da Maia uma rígida educação à inglesa) e Ramalho deram à estampa *O Mistério da Estrada de Sintra*, que inaugurou a narrativa policial portuguesa.

Durante a sua estada em Portugal, Smith, já com larga experiência de viagens, conforme ressalta do prefácio da obra em análise, serviu-se de um guia (sendo que os guias, itinerários e mapas estão associados ao incremento das viagens e ao

desenvolvimento do turismo, potenciado pela facilidade de comunicações a que se assistiu no séc. XIX, como já foi dito atrás), o qual é nomeado no mesmo paratexto: *Handbook for Travellers in Portugal*, escrito por John Mason Neale e editado por John Murray em 1855 (ano da 1ª edição,³⁸ a que se sucederam outras). Explica aí que foi “the only book of modern date which we could discover to give us any practical information regarding the country we were about to visit, but which furnished us with ample instruction to enable us to form our plans, and propose our route” (Smith xiii). Era frequente os viajantes documentarem-se antecipadamente sobre os lugares que estavam prestes a visitar e Smith, como se vê, não foi excepção, o que significa que, à chegada, possuía já algum conhecimento do país por essa via indirecta.

Estamos, no caso de *Narrative of a Spring Tour in Portugal*, perante uma obra que se assume como um relato descritivo, através do qual o dito Reverendo vai expondo as suas impressões sobre o que lhe foi dado ver.³⁹ Nos dois meses que aqui passou, percorreu o país utilizando vários meios de transporte, nomeadamente mula, diligência, comboio e barco, e visitou várias localidades, como Lisboa, Sintra, Évora, Cercal (Cadaval), Caldas da Rainha, Alcobaça, Batalha, Leiria, Coimbra, Porto, Braga, Ponte de Lima e Viana do Castelo, detendo-se mais nuns sítios do que noutros e referindo-se a alguns apenas de passagem, como sucedeu com Setúbal e Guimarães.

O tom utilizado pelo autor é comunicativo, procurando captar a adesão do leitor, mas a descrição não deixa de se pautar pela objectividade, não afectada pelo uso de forte adjectivação quando as coisas lhe agradam e revelando elegância no comentário do que lhe desagrada. Patenteia mesmo — pode dizer-se — alguma lusofilia, sendo frequentes as comparações com a Espanha, por norma a favor de Portugal.

O autor tem consciência de que o encontro entre o seu mundo e o do Outro será mais autêntico e profundo se contactar directamente com os naturais do país visitado, no que se distingue daqueles que, não dominando a língua portuguesa e não se esforçando por se relacionarem com os nativos, percorreram o país fechados na sua própria cultura e convivendo apenas com britânicos residentes em Portugal. Mais uma vez o prefácio da obra se revela uma utilíssima fonte de informação acerca da atitude de Smith enquanto viajante:

³⁸ [John Mason Neale]. *Handbook for Travellers in Portugal. With a Travelling Map*. London: John Murray/ Paris: A. & W. Galignani and Co.; Stassin and Xavier. 1855.

³⁹ Ver Anexo à presente dissertação, onde se pode encontrar um mapa de Portugal com o itinerário do viajante assinalado a traço grosso de cor vermelha.

[...] I, for one (and there are many others of my mind) do not desire, when we go abroad, to plant ourselves in an English colony, where everything that strikes the ear and the eye reminds one of St. John's Wood or the suburbs of Cheltenham, or Bath, or Brighton; but with every feeling of respect and all due appreciation for the sterling good qualities of our fellow-countrymen, prefer, when we are in a foreign land, to associate with the natives, and to cultivate the society of John Bull exclusively at home. (Smith xii-xiii)

Trata-se de uma viagem em que se conjugam vários interesses, avultando a vontade, por parte do autor, que para além de clérigo era, como se sabe, um reputado ornitólogo, de fazer uma listagem das aves de Portugal e de recolher dados sobre a arquitectura, os costumes, os aspectos religiosos e históricos, a paisagem, e, em geral, as idiossincrasias do povo português.

Para além do guia a que já se fez menção, o Reverendo Smith, como consta de um excerto atrás transcrito, veio munido de uma arma de fogo e de um binóculo duplo, necessário, entre o mais, ao estudo ornitológico. O pai fez-se acompanhar de uma máquina fotográfica, tendo fotografado todos os objectos que considerou de interesse. Tais fotos, contudo, não foram incluídas em *Narrative of a Spring Tour in Portugal*.

A impressão que Smith formou de Portugal foi, em geral, muito positiva, como demonstram os passos do prefácio atrás citados, a ponto de aconselhar os seus compatriotas a visitar este “sunny little kingdom” (Smith xv). É de realçar a importância que pode ter um livro de viagens no que se refere a influenciar eventuais futuros turistas a escolher determinado destino, no caso Portugal, ou a evitá-lo, quando, inversamente, o relato é detractor.

Uma vez que a presente dissertação se centra, em particular, nas representações da religiosidade portuguesa, não cabe aqui detalhar os muitos outros aspectos que captaram a atenção de Smith. Ainda assim, para que se tenha alguma ideia acerca do tipo de realidades que mais prendeu o olhar do Reverendo, dar-se-ão, embora muito sumariamente, alguns exemplos de tópicos por ele focados.

Atento a quem com ele se cruzava, impressionou-o, desde logo, em Lisboa, o trabalho duro dos galegos que lhe transportaram a bagagem:

To this end we enlisted the services of four Gallegos, who crowd in swarms round the custom house and quay, and these stout porters worked in pairs, like beasts of burden as they are, and in a very short time conveyed our formidable and really heavy baggage up the steepest of streets to

our hotel. Their mode of carrying heavy burdens is very ingenious: each man is provided with a tightly-made straw collar covered with cloth, and shaped like a horseshoe. (Smith 15-16)

Fez também referência ao seu labor como distribuidores de água (os famosos aguadeiros), então figuras típicas de Lisboa, em cujas ruas ressoavam pregões, não só dos aguadeiros, mas de toda a espécie de vendedores:

Every conceivable article of sale is cried by the seller, as he or she marches through the middle of the streets with the basket or bundle of wares poised on the top of the head, or held beneath the arm. And such a jumble of articles! meat and muslin, water and wood, furniture and fish, milk and millinery, all seem mixed up together in this strife of tongues, and the shriller the voice in this contest for custom the better the chance that the article thus shrieked will find a purchaser. (Smith 18)

Marianne Baillie (1795?-1831), na obra *Lisbon in the Years of 1821, 1822 and 1823* (1824), também faz referência aos galegos, sublinhando que os habitantes de Lisboa não tinham capacidade para substituírem “essa bela raça de laboriosos espanhóis, que, não obstante, mostram desprezar”.⁴⁰ Cita-se da tradução portuguesa propositadamente, como forma de dar visibilidade (e valorizar) às poucas traduções de narrativas de viagem britânicas sobre o nosso país feitas em Portugal, quando muitos desses textos existem em versão francesa e alemã, por exemplo. Assim, daqui para a frente, sempre que colocarmos o texto de Smith em diálogo com outros relatos, para pôr em evidência recorrências e teias de relações, recorreremos, quando possível, à tradução portuguesa para efeitos de citação.

As menções aos galegos perpassam, em geral, pelas obras dos visitantes estrangeiros, que os associavam ao trabalho (designadamente de carga) que os portugueses não faziam, como é o caso de dois influentes viajantes (muito citados em futuros relatos de viagem), Robert Southey (1774-1843), na obra *Letters written during a short residence in Spain and Portugal, with some account of Spanish and Portuguese poetry* (1797),⁴¹ e James Murphy (1760-1814), na obra *Travels in Portugal; through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the years 1789 and 1790* (1795), sublinhando o seu peso na economia portuguesa.⁴²

⁴⁰ Baillie 206.

⁴¹ Cf. Southey 263 e 289. Sobre o conjunto da obra de Southey sobre Portugal, ver: Castanheira 1996.

⁴² Cf. Murphy, 1795b: 16. Sobre o conjunto da obra de Murphy sobre Portugal, ver: Navarro.

Teve, por outro lado, oportunidade de, em contra-imagem, combater estereótipos há muito em circulação no imaginário britânico, como por exemplo a ideia de serem os portugueses um povo sujo e desagradável. Ora, o que viu em Lisboa levou-o a tirar uma conclusão contrária:

[...] but as we wandered through the handsome streets, and admired the elegant buildings, the squares and the public gardens, we simultaneously exclaimed that we knew no foreign town which had such a general air of cleanliness, and we were agreeably surprised to find how remarkably bright and fresh and sweet the whole city appeared to be. (Smith 19)

Thomas Cox, na obra *Relação do Reino de Portugal: 1701*, exprimira, na sua passagem por Lisboa muitos anos antes (mais de um século e meio, muito antes mesmo do Terramoto de 1755), uma visão bem diferente da do Reverendo, considerando que era o lugar mais sujo que alguma vez tinha visto.⁴³ E Marianne Baillie referiu-se a Lisboa como um lugar de pestilência, em que homens, mulheres e crianças se confundiam com os animais, em “amorável convívio”, cada um gozando o seu elemento comum — a porcaria⁴⁴ — numa cidade “cansada, insípida e enfadonha”.⁴⁵ Também Robert Southey, de quem Rose Macaulay disse faltar-lhe a facilidade de aceitar o modo de viver dos outros, que distinguia por exemplo Beckford,⁴⁶ criticou asperamente a sujidade de Lisboa: “Every kind of vermin that exists to punish the nastiness and indolence of men, multiplies in the heat and dirt of Lisbon. From the worst and most offensive of these, cleanliness may preserve the English resident”.⁴⁷

O Reverendo, assumindo uma postura muito diversa da toada arrogante de Southey, não exaltou apenas Lisboa, mas também o Porto, de que destacou a imponência, a limpeza e a organização.

Empenhou-se também em afastar velhos preconceitos relativos a uma ruralidade vingativa, realçando as qualidades de um povo hospitaleiro e trabalhador:

The rural population of Portugal are as simple in their character as in their requirements; they are by no means the vindictive revolutionary people that they are so often, but so unjustly, represented to be. They look wretched, because they are poor, ill-clad, and miserably fed; but

⁴³ Cox e Macro 55.

⁴⁴ Baillie 28.

⁴⁵ *Ibid.* 30.

⁴⁶ Macaulay 155.

⁴⁷ Southey 361.

they are cheerful, contented, shrewd, generous, hospitable, honest, hardworking, unambitious, sober, suffering, and persevering. (Smith 40)

Longe de uma tal atitude se posicionou Arthur William Costigan (pseudónimo do oficial escocês James Ferrier) na obra *Sketches of Society and Manners in Portugal* (1787), referindo que os portugueses “são como as mulas e os burros, que no seu país abundam; com alguma habilidade podem ser conduzidos como se quisessem, mas não se devem forçar, e é com eles que *piano, piano si va lontano*”.⁴⁸ No conjunto de defeitos que foi enunciando deu destaque à preguiça,⁴⁹ apontando o baixo carácter dos portugueses, considerando que a palavra “honra” se encontra na boca de todos eles, mas só aí,⁵⁰ e afirmando tratar-se de um país em que alguém pode arruinar várias pessoas “com o auxílio de testemunhas falsas, raça de gente que aqui se encontra por baixo preço”.⁵¹

Da preguiça dos portugueses também fala o já referido Thomas Cox, aí radicando, em sua opinião, a “imobilidade do comércio” numa cidade como Lisboa, em que verifica existir muita gente que não faz nada e haver “um vasto Tesouro morto enterrado nas igrejas e outros edifícios”, com o clero a usufruir de uma grande parte das rendas das terras.⁵²

Já Smith considerou os portugueses calorosos e bem-educados: “Imposing in size, clean in appearance, handsome with regard to its buildings, steep with reference to its streets, warm as to its temperature, civil, orderly, and gentle as to its inhabitants” (Smith 22). Elogia, como já foi dito, o carácter dos portugueses e louva a generosidade que revelam para com os estrangeiros: “I have invariably found that the Portuguese, of all classes, will at every opportunity undergo any trouble, take any pains, submit to real inconvenience, to show a kindness to the stranger” (Smith 37). Trata-se de uma perspectiva muito diferente, por exemplo, da de Marianne Baillie, para quem os portugueses são “nada sociáveis ou abertos com os estrangeiros, e receio que o seu carácter habitual se não distinga pela franqueza e urbanidade.”,⁵³ considerando que

⁴⁸ Costigan, Vol. II: 26. Sobre esta obra, uma das mais “negras” que sobre Portugal foram publicadas, ver: Castro.

⁴⁹ *Ibid.*, Vol. I: 83.

⁵⁰ *Ibid.*, Vol. II: 115.

⁵¹ *Ibid.* 83.

⁵² Cox e Macro 87.

⁵³ Baillie 19-20.

Portugal “está um tanto ou quanto atrás do resto da Europa em civilização e boas maneiras”.⁵⁴

O Reverendo Smith, sem abdicar do seu espírito crítico, preocupou-se mais em descrever aquilo que, pela positiva, lhe atraiu a atenção, deixando-se levar, desde as primeiras impressões, pela magnificência de Lisboa:

[...] while tile buildings which were dotted here and there on the hills or on the shore looked strange and peculiar, half Italian, half Maltese, but exceedingly white and dazzling in the full sunshine. And now we have passed the picturesque tower of Belem, conspicuously projecting into the river, and the whole view of Lisbon bursts upon our sight. It is a noble view, and worthy to be compared with that of Genoa or Naples from the sea; and I do not think we were at all prepared to see so large or so magnificent a city. (Smith 13)

Apesar do deslumbramento perante a capital portuguesa, não pôde deixar de recordar o Terramoto de 1755 — um tema muito abordado pelos viajantes britânicos —, que descreveu de forma muita realista e impressiva (mostrando estar muito bem informado sobre a matéria), levando-nos a “ver” o desenrolar dos trágicos acontecimentos: o tremor de terra, que quebrou, subitamente, a serenidade da cidade, o maremoto que se lhe seguiu e os incêndios que lavraram com grande fúria.

O autor utiliza frequentemente adjetivos de sinal positivo como “imposing”, “magnificent”, “beautiful”, “conspicuous”, “peculiar”, “remarkable”, “admirable” e “picturesque” para descrever o que viu. E os termos mais significativos não os limitou aos monumentos. Por exemplo, utilizou muito o vocábulo “magnificent” quer para referir-se a Lisboa, em geral (Smith 13-14), quer, em específico, para qualificar os mármore portugueses, ou até os camarões que viu à venda no mercado da Praça da Figueira, em Lisboa, ou ainda as laranjas que nesse mesmo mercado (que verdadeiramente o extasiou) se encontravam em profusão (Smith 43-44) e fizeram as suas delícias (várias vezes se referiu, no livro, às laranjas portuguesas).

Smith deixou-se prender pelos jardins, praças, quintas e largos, mantendo alguns dos nomes em português, como aconteceu em Lisboa e no Porto, por exemplo quando faz menção ao “pretty little Largo de Camões” (Smith 20). Mostrou-se particularmente sensível aos azulejos, uma arte bem portuguesa, realçando o seu acabamento brilhante e refinado, pleno de bom gosto (Smith 34). Os mercados e feiras, locais em que o viajante recolhe, por norma, bastante informação sobre os costumes e práticas de um país,

⁵⁴ *Ibid.* 21.

atraíram-no especialmente pela variedade, o bulício, o regateio à moda do Oriente, como verificou em Leiria (Smith 104).

Algo que Smith apreciou e valorizou muito positivamente nas cidades e vilas que visitou foi o seu ar antigo e não muito trabalhado pelo Homem, como aconteceu, por exemplo, em Évora, que considerou uma das excursões mais interessantes que fez: “[...] both the city of Évora itself and the country which we had to traverse to reach it, were more charmingly Portuguese, and more unsophisticated, and less altered by recent contact with other nations, than any other portions of the land which we visited” (Smith 59). É de realçar que este “primitivismo” e esta autenticidade de certas regiões portuguesas constituíram também para outros viajantes, como Smith, uma fonte de atracção, pois permitiam uma fuga à sociedade industrial e citadina, cada vez mais marcada por um ritmo de vida acelerado e em dissonância com a natureza, que caracterizava a Grã-Bretanha de que eram provenientes. Alfred Smith detém-se precisamente muito sobre a natureza, ou não fosse ele um afamado ornitólogo, com tudo o que isso representa de profundo apreço pelo contacto com o mundo natural. Por exemplo, a magnificência da vegetação de Sintra deixou-o deslumbrado (Smith 57).

No que toca a uma das suas maiores paixões — a ornitologia (ciência, segundo ele, pouco conhecida em Portugal) —, Smith dedicou um capítulo (XV, “The Birds of Portugal”) à multiplicidade de aves que teve ocasião de ver e estudar em Portugal. Refere ter identificado, ele próprio, 193 espécies, sendo que a lista, com informação adicional cuidadosamente verificada, que aparece no final do livro contém 235 (Smith 188-215).

Fez grandes elogios à comida portuguesa, uma das marcas identitárias do país. Exaltou a excelente fruta e o seu aroma fresco e delicado. Ao vinho do Porto teceu também grandes encómios, tendo escrito um capítulo (XI) sobre a produção deste e falado dos residentes ingleses do Porto que se dedicavam ao comércio da famosa bebida. Com graça, começa por dizer que falar do Porto e não fazer menção ao vinho do Porto seria, para muitos ingleses, como representar *Hamlet* omitindo a personagem do príncipe dinamarquês (Smith 129).

Em relação ao clima, tópico sempre focado pelo viajante britânico em Portugal, as referências do Reverendo, que encontrou em Lisboa o mais claro e brilhante dos céus, são elogiosas, como geralmente acontece: “With regard to climate, Portugal enjoys a very high reputation: for though the heat is at times excessive, it is always

tempered by fine breezes from the sea; and at all seasons the weather is as mild and the air as healthy as may be desired” (Smith 176). Contudo, é possível encontrar vozes capazes de introduzir uma nota dissonante mesmo a propósito de um aspecto positivo tão consensual como é o clima português: Marianne Baillie também o considerou ameno e puro, mas, no seu registo negativo, não pôde deixar de acrescentar ser mal empregado para os “indolentes, abjectos e indiferentes habitantes”.⁵⁵

Para concluir estes breves destaques, pode dizer-se que se muitos viajantes britânicos fizeram um retrato “negro” de Portugal, houve contudo outros que foram capazes de ter uma visão menos preconceituosa e mais aberta ao Outro-português, como foi o caso de Alfred Charles Smith. Na década seguinte à sua vinda a este país ibérico, uma viajante inglesa adoptou postura semelhante à do Reverendo: Lady Jackson (1813?/1814?-1891), autora de *Fair Lusitania* (1874). No seu relato, que Camilo Castelo Branco viria a traduzir, tendo a versão portuguesa sido publicada pela Livraria Portuense-Editora em 1877 com o título *A Formosa Lusitânia*, Jackson propõe-se demonstrar o quanto a imagem de Portugal posta a circular pelos viajantes estrangeiros está longe de corresponder à verdade. Indo contra a corrente de opiniões que, em seu entender, projectou uma imagem deformada do país visitado, exprime, logo na “Introdução”, a sua estupefacção perante os preconceitos que impediram uma adequada visão sobre Portugal:

Ai! Amesquinhado Portugal! Como é que um país tão belo, cuja capital é a segunda em formosura entre as cidades da Europa, cujo povo é tão policiado, bondoso, hospitaleiro, sem o sombrio fanatismo dos espanhóis, seja enxovalhado, como acontece, pelo restante mundo, e considerado o menos valioso e interessante dos reinos da Europa?⁵⁶

Já muito antes, o célebre e polémico William Beckford (1760-1844), na sua correspondência e na obra *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobça and Batalha*, fruto da sua segunda estada em Portugal entre 1793 e 1795, fizera declarações de amor por Portugal. No caso da segunda, afirma terem-lhe agradado sobremaneira a ruralidade e a tranquilidade que aqui encontrou, longe da turbulência que varria a Europa na sequência da Revolução Francesa:

⁵⁵ Baillie 24.

⁵⁶ Jackson 11.

Ao comparar a minha situação actual com o estado deplorável de toda a Europa, quantas vezes abençoei a hora em que os meus passos me trouxeram a Portugal! Sentado no recanto discreto da minha janela, olhei com satisfação para um tecto que nunca albergou hipócritas intriguistas, para mesas sobre as quais nunca foi atirado um jornal, para almofadas brancas e impecáveis, insuspeitas de terem amparado as cabeças dos assassinos da verdadeira prosperidade — os aventureiros políticos.⁵⁷

Quanto à segunda, apenas recordamos um breve excerto de uma carta que o autor inglês endereçou ao “barão financeiro” Jacinto Fernandes Bandeira (1745-1806, Barão de Porto Covo da Bandeira) no dia 19 de Novembro de 1804 e que Maria Laura Bettencourt Pires, no seu estudo aprofundado sobre Beckford, usou como epígrafe para a segunda parte do seu trabalho: “[...] mon affection pour le Portugal & mon desir d’y retourner ne cessera qu’avec mon existence [...]”.⁵⁸

Também o escritor romântico Robert Southey, que chegou a cruzar-se com Beckford nas ruas de Lisboa, viria a enamorar-se por Portugal, ultrapassada a má-vontade que começou por demonstrar em relação à capital lisboeta em virtude de ter sido obrigado pela família a ali permanecer durante alguns meses em 1796, na companhia do seu tio materno, o reverendo Herbert Hill (1749-1828), capelão da Feitoria Britânica de Lisboa. Entre as muitas declarações de amor de Southey — que em Inglaterra, e na sequência da sua primeira vinda a Portugal em 1796, se tornaria um especialista em assuntos portugueses, nomeadamente de cariz histórico e literário — por Portugal escolheu-se a seguinte, escrita alguns anos depois de ter feito uma segunda, e última, viagem à pátria de Camões: “I would give one eye to blind Fortune if she would let me look on the Tagus with the other”.⁵⁹

O Reverendo Alfred Charles Smith integra-se, pois, num conjunto de viajantes britânicos que, a despeito das críticas que Portugal lhes mereceu, acabaram por se deixar seduzir quer pela paisagem, quer pelas gentes, quer pela cultura, quer pelo clima. Como seria de esperar, dada a sua condição de clérigo, na multifacetada narrativa de Smith a arquitectura (igrejas, mosteiros...) e outras manifestações religiosas do mais

⁵⁷ Beckford, 1997: 32.

⁵⁸ Pires 121.

⁵⁹ Carta à sua amiga *Miss Barker*, de 8 de Setembro de 1803, citada em: Castanheira, 1996: 75.

variado tipo (cultos, práticas, crenças...) assumem particular relevo, como se verá em detalhe no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

REPRESENTAÇÕES DA RELIGIOSIDADE PORTUGUESA EM *NARRATIVE OF A SPRING TOUR IN PORTUGAL*

3.1. Um anglicano em terra de católicos

Quando o viajante é um clérigo, no caso anglicano, é natural que tenha um particular olhar sobre os aspectos religiosos.

O Anglicanismo — que, de forma mais imediata (já se vinha criando, com certas práticas e orientações, uma ambiência propícia a tanto), nasceu da vontade do rei Henrique VIII em dirigir o seu próprio clero, na sequência da recusa do Papa em anular o casamento daquele com Catarina de Aragão, dando-se, então, um cisma com Roma, através do Acto de Supremacia (1534) — é uma confissão cristã que se reconhece na “Comunhão Anglicana”, expressão criada em 1885. As Igrejas da Comunhão Anglicana professam a fé cristã segundo as Escrituras do Antigo e Novo Testamento, traduzida pelos grandes símbolos da Igreja antiga, em particular o chamado Símbolo dos Apóstolos e o de Niceia-Constantinopla, que representam a formulação do Credo (enunciado dos conteúdos da fé). Desempenha importante papel o *Book of Common Prayer* (Livro da Oração Comum), composto em 1549 e revisto sucessivamente em 1552, 1559 e 1662, em uso em todas as Igrejas Anglicanas. A base doutrinal dos anglicanos é formada, para além deste Livro, pela Bíblia e pelos Trinta e Nove Artigos (1571). O monarca da Inglaterra é o chefe supremo da sua Igreja (sendo ele quem nomeia os bispos), estando esta centralizada em Cantuária, cujo arcebispo goza de um primado de honra (*primus inter pares*), mas não de governo.⁶⁰

O Reverendo Alfred Charles Smith visitou várias igrejas em Portugal, descrevendo-as, por vezes, com muita minúcia e alargando-se em proclamações de espanto perante a grandeza ou a extrema beleza de alguns desses templos, mas não

⁶⁰ Legora, Lamarque e Sabbadini 70-71 e Lemaître, Quinson e Sot 34.

hesitando também na contenção ou na crítica (como sucedeu com o Santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga), sempre que entendeu que, em nome da objectividade e da honestidade intelectual, era isso que se impunha.

A paixão pelos detalhes e pelas comparações revelada pelo autor é própria de alguém bastante viajado, que já viu muito mundo, e possuidor de invejável lastro cultural, nunca esquecendo o seu país, num jogo, muito repetido, de contraposição de auto-imagem e hetero-imagem, nem sempre a “seu” favor, o que fez, por exemplo, no caso da Igreja Inglesa, na Estrela, em Lisboa, com o seu “cypress-planted cemetery”, exclamando: “As regards the building, indeed, I cannot congratulate my countrymen on its ecclesiastical aspect” (Smith 32). E, noutro ponto, acrescenta:

[...] those who built our English fabric at Lisbon have run into the disastrous extreme of erecting, as a sample of Anglican church architecture, the very barest, baldest, coldest, I will even say most hideous building, which gives no opportunity for the exercise of our ordinary ritual, and in no way resembles our ecclesiastical buildings at home. (Smith 33)

Relata Vítor Manuel Adrião, reportando-se ao cemitério ali existente (no qual está sepultado o escritor Henry Fielding, que, por razões de saúde, tendo vindo em busca do sol português, morreu pouco tempo após a chegada, em 1754), que:

A cedência deste lugar para cemitério nos terrenos adjacentes à Travessa dos Ladrões, actual Rua da Estrela, foi feita em 1717 à comunidade inglesa e holandesa, numa época em que os protestantes eram hereges para os católicos que os perseguiam, apesar do seu culto ser livre em Portugal desde a Restauração de 1640. Também conhecido por Cemitério dos Ciprestes, ganhou este nome devido [...] ao Tribunal da Inquisição ter ordenado a plantação de um muro de ciprestes em torno do perímetro do cemitério para impedir que os católicos vissem as campas dos protestantes, tendo considerado este espaço como “chão dos hereges”.⁶¹

Refere ainda este autor que os enterramentos apenas começaram em 1725 e que os fiéis anglicanos fixados em países católicos haviam conhecido, após a separação da Igreja Católica, promovida por Henrique VIII, muitas dificuldades, “incluindo a proibição de serem inumados nos cemitérios existentes. Assim aconteceu em Portugal, onde os anglicanos, residentes ou viajantes finados aqui, acabavam sepultados às escondidas, à beira-mar ou à beira-rio”.⁶²

⁶¹ Ver Adrião.

⁶² *Ibid.*

Conforme é referido por Jorge Martins Ribeiro, num trabalho intitulado *O anglicanismo em Portugal do século XVII ao XIX*, desde o tratado de 1642 os ingleses não deveriam ser molestados por causa da sua religião, desde que não provocassem qualquer tipo de escândalo, sucedendo que, na altura, não possuíam em Portugal capelão, estando as famílias impedidas de se juntarem para o culto e não permitindo os visitantes das naus o desembarque de bíblias protestantes. Esta situação foi evoluindo, por força de tratados posteriores (cujos termos nem sempre seriam rigorosamente observados), mas com o culto a ser votado, durante largos anos, ao exercício em casas particulares, sofrendo os britânicos de confissão anglicana perseguições por parte, sobretudo, do Tribunal do Santo Ofício. Apenas em 1810 foram autorizados a construir templos e, assim, as primeiras capelas destinadas ao culto anglicano foram construídas em Portugal somente após a retirada dos franceses e o regresso dos comerciantes britânicos, verificando-se que uma capela utilizada em Lisboa em 1815 foi abandonada, dando-se a construção do templo dedicado a São Jorge (aquele que foi visitado pelo Reverendo) em 1822. Já a igreja anglicana do Porto (também visitada por Smith) começou a ser construída em 1815 e foi terminada em 1818, tendo sido aumentada em 1867.⁶³

Quando Smith veio a Portugal, em 1868, estava-se já longe de um tal estado de coisas, mas não se tinham dissipado por completo os pontos de dissensão no que concerne à liberdade religiosa, designadamente no que se prende, conforme é referido por João Francisco Marques, com a difusão da Bíblia entre nós na versão da Sociedade Bíblica de Londres, que, em 1864, tomou a iniciativa de abrir em Lisboa um depósito das suas publicações, recrutando prosélitos para a difusão, o que motivou forte denúncia da parte católica, entendendo-se que tais traduções da Bíblia, oriundas da Inglaterra, deturpavam o texto sagrado.⁶⁴

Fortunato de Almeida dá conta de que o pastor anglicano Francisco Roughton, “agente da Sociedade Bíblica desde 1864, mandou imprimir em Lisboa, na rua dos Calafates, 6 000 bíblias, 25 000 novos testamentos e muitos milhares de *tracts*, nos quais, além de se atacarem furiosamente os dogmas da Igreja católica, insultava-se e caluniava-se o Papa e o clero e insinuava-se o desprezo dos sacramentos”, tendo “às suas ordens dez agentes ou missionários ambulantes, que percorriam a cidade de

⁶³ Ver Ribeiro.

⁶⁴ Marques 227-228.

Lisboa, as províncias e as ilhas adjacentes, para venderem os livros e propagarem os erros da seita”.⁶⁵

Como se vê, emprega-se aqui o termo “seita”, assim se rotulando o “Cristianismo Reformado”, utilizando a Igreja Católica, na segunda metade do século XIX, através dos seus bispos, as chamadas “pastorais” (mensagens dirigidas aos fiéis católicos, sobretudo aos mais letrados) para combater o Protestantismo (termo que abarcava várias tendências cristãs), sendo, por vezes, os protestantes identificados como *lobos* e os católicos como *ovelhas*.⁶⁶

Rita Mendonça Leite alude, igualmente, às fortes reacções das autoridades religiosas e civis relativamente à difusão da Bíblia, identificando-a como instrumento de divulgação de “erros protestantes”, sendo emitidas ordens de confiscação de exemplares bíblicos de origem evangélica (importando notar que havia, neste âmbito, condutas punidas criminalmente). Sucede que, como é referido pela mesma autora, o Catolicismo era definido como a religião do Estado português, o que, no ambiente católico, era entendido como a representação da legalidade, da segurança e da legitimidade: “Atacar o Estado ou atacar a Igreja, afirmava-se, eram acções sinónimas, não apenas por serem de uma gravidade equivalente, mas por serem igualmente passíveis de ser punidas”.⁶⁷

Porém, a partir das décadas de sessenta e setenta, embora persistissem posições firmes no sentido da limitação da difusão das Escrituras, a Igreja Católica revelou alguma abertura em relação ao papel a atribuir à dita divulgação da Bíblia.⁶⁸

Smith, por certo, como importante membro da Igreja Anglicana, estaria a par destas situações, aludindo, aliás, a não ser inteiramente permitida a assunção do desenho exterior dos templos anglicanos nos países de fé Católica Romana, mas considerou que, noutros lados, essa dificuldade fora ultrapassada com sucesso (Smith 33). Já relativamente ao templo anglicano do Porto, diria o seguinte:

The English Church at Oporto, though prohibited by law to bear an ecclesiastical appearance externally, is built with as good taste, and offers as good internal arrangement as circumstances allow; indeed, it is a very creditable building, and is well cared for, and is, in all respects, a marked improvement upon its fellow at Lisbon. (Smith 123)

⁶⁵ Almeida, Vol. III: 352-353.

⁶⁶ Leite 66.

⁶⁷ *Ibid.* 51.

⁶⁸ *Ibid.* 138.

Não se nota na sua obra, apesar disso, a acrimónia em relação à Igreja Católica patente em outros viajantes britânicos que, apesar de tecerem louvores a Portugal no que diz respeito a aspectos como a paisagem e o clima, são duros em certas críticas, nomeadamente acerca da religião, conforme é vincado por Maria Zulmira Castanheira no referido ensaio intitulado “Portugal: uma barbárie de pitorescas paisagens”, sobre a visita a Portugal, em 1853 e 1854, dos pastores anglicanos Joseph Oldknow e John Mason Neale.⁶⁹

A religião era um dos aspectos susceptíveis de interessarem aqueles que buscavam o exótico, o diferente, os sinais de persistência de costumes do passado, como é observado por Isabel Oliveira Martins, na já citada obra sobre o também reverendo William Morgan Kinsey:

Como protestantes convictos, os ingleses vão salientar nas suas obras todo o aspecto fanático e supersticioso da religião católica: ritos, procissões, adoração de imagens, a prodigalidade de elementos ornamentais nas igrejas, etc.... tudo serve para satisfazer a procura incessante de efeitos pitorescos, exóticos e mesmo dramáticos, que, no entanto, os viajantes não deixam de criticar severamente. Mas não nos podemos esquecer de que este gosto pelo exotismo, pelo macabro, pela procura do passado, já tinha sido expresso literariamente no romance gótico, e os viajantes tinham agora a oportunidade de procurar sentir essas fantasias, ao vivo, nos países visitados - uma experiência “pitoresca”.⁷⁰

Smith adoptou, conforme já foi dito, de um modo geral, um tom elogioso relativamente aos templos portugueses que visitou, fazendo incidir a sua atenção em aspectos como a luz ou a nobreza dos materiais quando, designadamente, fez comparações com os templos espanhóis. Assim, no que respeita, por exemplo, a serem as igrejas portuguesas sombrias, considerou haver semelhanças com as espanholas, o que teve por característica obviamente desejável num clima do Sul, mas logo em seguida acentuou que as igrejas portuguesas não apresentavam a quase total ausência de luz de algumas igrejas espanholas, o que atribui, nestas, ao diminuto tamanho das janelas e à sua colocação junto dos telhados ou, ainda, à cor dos vidros de que são dotadas. Deu até um exemplo de uma cerimónia a que assistiu, ao meio-dia, na Catedral de Sevilha, mal conseguindo divisar o pregador que a ela presidia e sendo-lhe difícil encontrar o caminho através do edifício. Aludiu também ao maior despojamento das

⁶⁹ Castanheira, 1994: 34.

⁷⁰ Martins 26.

igrejas portuguesas, realçando os seus “magnificent marbles”, considerando terem “rather savours of the churches of Italy and France” (Smith 26-27).

Prosseguindo nas comparações com Espanha, o Reverendo refere-se à dedicação das catedrais que, em Portugal, conclui serem predominantemente dedicadas a Nosso Senhor, ao passo que em Espanha (a “Ultramontane Spain”, como lhe chama Smith) grande parte das catedrais é dedicada à Virgem Maria, celebrando a sua Assunção, ou, com frequência, a sua Imaculada Conceição: “that last and most extreme dogma of Rome, in which Mariolatrous Spain especially delights” (Smith 27). E continua:

Now this divergence between the two sister countries of the Peninsula in the general aspect of the interior of their respective churches, and still more in the dedication of their cathedrals, suggests at once that the tenets held by the two nations are not identical, and such in fact we find to be the case. For whereas Spain is proverbially the stronghold of all that is extreme in Romish doctrine, and in this respect 'His most Catholic Majesty, the eldest and most dutiful Son of the Church,' as he was officially styled, ruled over a nation far more obedient to the fiats of the Holy Roman See than the subjects of the Pope himself, the Portuguese clergy are entirely opposed to such opinions. (Smith 27)

Crê-se que Smith dá, aqui, expressão ao seu “ideário” anglicano, quando se refere ao último e “most extreme dogma” de Roma. Trata-se, naturalmente, do dogma da Imaculada Conceição, proclamado por Pio IX uns anos antes da vinda de Smith a Portugal (em 8 de Dezembro de 1854), através da bula *Ineffabilis Deus*, uma matéria que, conforme se refere na enciclopédia *Christos*, sempre constituiu “uma dificuldade do ponto de vista ecuménico sobretudo em relação aos irmãos de outras igrejas cristãs, porque parece situar Maria fora do domínio da redenção”.⁷¹

Por outro lado, não pode deixar de se assinalar algum desconforto do autor em relação à grande obediência de Espanha à Santa Sé.

Independentemente da directa dedicação das catedrais à Virgem Maria, importará não olvidar que D. João IV coroou a Imaculada Conceição (através da imagem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa) como Rainha de Portugal nas cortes de 1646, sucedendo que, na Península Ibérica, a devoção à Imaculada Conceição já existia desde o século VII, pois, no X Concílio de Toledo, havia-se fixado como sua

⁷¹ Ver Fiores. É interessante referir que, nos termos da informação constante do sítio da *Agência Ecclesia*, Católicos e Anglicanos chegaram a acordo sobre a figura de Maria em Maio de 2005, afirmando, em declaração conjunta, que “Maria foi a mãe biológica de Jesus, que ela era virgem e que Jesus foi concebido pelo poder do Espírito Santo”. Cf. Carmo.

festa principal o dia 8 de Dezembro, tendo nesse Concílio participado bispos de cidades que viriam a ser portuguesas, como foi o caso de São Frutuoso, bispo de Dume.⁷²

Costigan recolheu informação diferente da de Smith, pois faz constar da sua obra *Sketches of Society and Manners in Portugal: in a series of letters (Cartas sobre a Sociedade e os Costumes de Portugal 1778-1779)* a fala de um cônsul em que se afirma que, não só em Espanha como em Portugal, “a devoção do povo era quase toda dedicada à Virgem Maria e aos outros santos e muito pouco se inclinava para Deus Pai ou para o Filho”.⁷³ E não deixou de fazer referência ao aludido facto – que considerava ser um triunfo dos Franciscanos, em detrimento dos Dominicanos – de D. João IV ter, em 1646, tornado a Virgem padroeira do reino, obrigando os súbditos a seguirem o seu exemplo e notificando as universidades de que os estudantes, antes de serem admitidos a qualquer grau, teriam de jurar defender o mistério da Imaculada Conceição.⁷⁴

No que concerne aos templos portugueses, outros viajantes emitiram opiniões positivas, tal como Smith. É o caso da Baronesa Holland (*Lady Elizabeth Vassall*), que, no seu “Diário de Viagem em Portugal”, inserto na obra *Três diários de viagem em Portugal em 1808-1809*, considerou, estando no Minho, na zona de Barcelos, que “As igrejas portuguesas são notavelmente asseadas e bem construídas, especialmente os degraus e as lajes à volta”.⁷⁵

Foi também o caso de Cox Macro, muito antes, que, após fazer alguns reparos relativamente às casas portuguesas, considerou as igrejas “magníficas”, apesar de pequenas, para além de referir que não seria fácil adivinhar a riqueza enterrada em pratas e dourados nessas mesmas igrejas.⁷⁶ Se Smith exaltou a nobreza dos materiais (designadamente, o mármore) utilizados na construção dos templos, também Cox Macro o fez:

As riquezas e as belezas das igrejas são espantosas, o real valor do dourado, o belo trabalho de madeira e de latão, as belas pinturas, o delicado mármore e o preço que deve ter custado o trabalho de os embutir, como o fazem muitas vezes, são coisas prodigiosas que espantam qualquer um. Vi mais de vinte igrejas.⁷⁷

⁷² Aguiã 110-120.

⁷³ Costigan, Vol. I: 202.

⁷⁴ *Ibid.* 203-204.

⁷⁵ Holland, Holland e Allen 77.

⁷⁶ Cox e Macro 158 e 329.

⁷⁷ *Ibid.* 318.

Thomas Cox dá igualmente destaque, como se vê, à riqueza das igrejas, considerando, no entanto, que tal constituía uma excepção relativamente ao resto, que qualificou de “Pobreza miserável”, alinhando como razões para tanto “a arbitrariedade do Governo, a sua Preguiça Natural e o serem constantemente espoliados pelos seus Padres”.⁷⁸

Não faltaram notas destoantes como, por exemplo, as de *Lady Jackson*, que, na obra *A Formosa Lusitânia: Portugal em 1873*, não revelou grande entusiasmo, sob o ponto de vista religioso, por alguma das igrejas de Lisboa, escrevendo o seguinte:

Muitas igrejas somenos de Lisboa dão ares de umas enormes salas adereçadas festivamente. São frescos e agradáveis retiros, guarnecidos a primor, e portanto convidativos; mas não impressionam: religiosamente. Em geral, tem duas, três, e mais pinturas boas; mas faz horror o processo de restauração que lá empregam em algumas. A miúdo se encontram óptimas esculturas, em pedra e madeira, obras de artistas portugueses, que sempre realçaram nesta arte.⁷⁹

Beckford, em *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*, ao mesmo tempo que tecia considerandos sobre Lisboa, dizendo não ter nem a riqueza nem a dignidade de uma capital, parecendo “antes uma série de feios povoados ligados uns aos outros,” também manifestou não gostar, em geral, da arquitectura das igrejas portuguesas:

As igrejas, em geral, são desprezivelmente pequenas e tão deficientes, do ponto de vista da arquitectura, que só posso compará-las a certas vistas imaginárias dos templos mexicanos que se encontram nos atlas holandeses. A maior arte delas tem a sua torre no detestável gosto da antiquada moda das caixas de relógios franceses, no género das que Boucher desenha, com muitos arabescos e floreios, para guarnecerem os aposentos de Madame de Pompadour.⁸⁰

Importa referir que estas críticas (e não estarão aqui em causa os grandes templos, mas as igrejas em geral) não se cingem a visitantes estrangeiros. Fortunato de Almeida alude a uma decadência da arquitectura religiosa profundamente acentuada na primeira metade do século XVIII, com continuação desse mesmo “esmorecimento” no século XIX. Considera que em Portugal, como aliás noutros países, a sorte das belas artes esteve dependente da condição política, social e económica do clero. Depois de fazer referência a um prelado que tentou combater tal situação, acrescenta:

⁷⁸ *Ibid.* 161.

⁷⁹ Jackson 29.

⁸⁰ Beckford, 1988: 50.

Tudo era baldado: a humilhação do clero, a dispersão das comunidades religiosas e a espoliação dos bens eclesiásticos não tardariam a produzir o descalabro das belas artes em Portugal.

Na segunda metade do século XVIII, as construções das igrejas conservam apenas os traços mais banais do renascimento e as degenerescências em que se caíra por influxo e até intervenção directa de artistas estrangeiros.⁸¹

Em mais um assomo de lusofilia, embora temperada com alguns reparos, designadamente quanto à superstição, o Reverendo Smith considera que os homens portugueses são mais atenciosos para com os deveres religiosos do que os espanhóis:

[...] though, strangely mixed up with a great deal of gross superstition and irreverence, they certainly showed upon occasion a considerable amount of earnestness and devotion; and the churches were often crowded with worshippers of both sexes, so that, as regards the male population, outwardly at least, they appeared far more attentive to their religious duties than the men of Spain. (Smith 38)

Não só neste aspecto, mas também noutros, o Reverendo manifesta a sua clara preferência pelo modo de ser e agir dos portugueses, considerando mesmo que contrasta flagrantemente com o dos espanhóis. Outro exemplo, bastante diferente, diz respeito ao costume das touradas, por, em Espanha, serem muito mais violentas e envolverem a morte do touro (Smith 37-40). E, no penúltimo capítulo do livro, de forma bem clara e inequívoca, afirma: “Then in respect to the inhabitants of these two kingdoms, I have already remarked how infinitely superior, in my judgment, are the general manners, disposition, and character of the Portuguese to those of their Spanish neighbours” (Smith 174).

3.2. Espaços religiosos (arquitectura e ambiências), manifestações e referências histórico-religiosas

O Reverendo Smith visitou, no seu périplo por Portugal, vários monumentos de cariz religioso, registando por escrito, de um modo geral, as suas impressões, mas, tanto em Lisboa como noutros locais, absteve-se de descrever algumas igrejas por estarem já

⁸¹ Almeida, Vol. III: 417.

“fully and admirably” detalhadas no *Murray’s Handbook for Travellers in Portugal*: “I am not about to describe the churches of Lisbon, though I entered the greater part of them, because they are very fully and admirably detailed in the Handbook, and I have nothing to add to that report” (Smith 26).

Revela este trecho que Smith teve a preocupação de, com espírito de utilidade, transmitir, acima de tudo, aquilo que entendia constituir uma novidade, preocupando-se, pois, com o leitor que, no futuro, tencionasse visitar aqueles locais e achando desnecessário construir um texto que se apresentasse como repetitivo relativamente ao que já antes fora, com proficiência, dito e publicado, e estava, portanto, a todos acessível. Nalguns casos, em vez de se debruçar longamente sobre monumentos, pareceu-lhe mais interessante falar da vivacidade dos mercados ou feiras e de coisas tão prosaicas como laranjas ou nêspers.

Vejamos, agora, alguns dos locais por onde passou Smith, procurando, a propósito, descobrir as grandes linhas de força do relato deste viajante, sem esquecer, aqui e ali, outros que sobre os mesmos lugares se pronunciaram:

a) Lisboa: Carmo, Sé Catedral e os Jerónimos, com uns corvos pelo meio

O Reverendo andou por toda a Lisboa, familiarizando-se com a cidade, nos detalhes (na busca da “original town”) e no aspecto geral, como é por ele acentuado: “As during the few weeks of my sojourn in Lisbon, I spent a considerable portion of each day in rambling over the city and was never tired of exploring its farthest corners, I made myself tolerably familiar with many of its details, as well as its general aspect” (Smith 25).

Movendo-se numa zona marcada pelo terramoto de 1755 — acontecimento que fortemente o impressionou —, fez, como não podia deixar de ser, referência às ruínas do Convento do Carmo como uma testemunha do passado, um memorial, ao mesmo tempo que alude à transformação da cidade como uma espécie de “dádiva” do terramoto:

Moreover, there were ruins yet remaining here and there, which had never been rebuilt or removed, such as the church popularly known as the Carmo, though properly ‘Nossa Senhora do

Vencimento,' and others, which serve as mementos to remind any who would forget, and which still rear their broken roofless walls on high in attestation of the injury they suffered. But as to the greater part of the city, without doubt its present uniform handsome aspect is in great measure due to the earthquake. (Smith 24)

O autor lembra o que aconteceu em Londres após o grande incêndio de 1666, ou em Roma, citando a famosa frase do imperador Augusto: “When I found a city of brick, I have left a city of marble” (Smith 24-25). Atente-se na referência rigorosa, própria de um viajante preparado, a “Nossa Senhora do Vencimento” (o Convento, que começou a ser construído em 1389, por iniciativa de Nuno Álvares Pereira, terá resultado de um voto seu a Nossa Senhora e “correspondia simetricamente a *Santa Maria da Vitória*”⁸²), não se quedando Smith pela simples menção a “Carmo”.

Neale, no seu *Handbook for Travellers in Portugal*, fez várias referências a este monumento, designadamente no que toca ao fundador e à data da fundação, e considerou que esta seria talvez a igreja mais interessante de Lisboa: “Of all the churches of Lisbon this, though in ruins, is perhaps the most interesting, and forms a very conspicuous object”.⁸³

O Reverendo Smith descreveu a Sé Catedral de Lisboa, referindo que esta foi, em grande parte, destruída pelo terramoto de 1755, e registou a singeleza e a ausência de adornos do templo. Realçou o facto de ser de tamanho considerável e de ser local de especial veneração por alojar os ossos do mártir S. Vicente:

At all events the Sè or Cathedral, which stands immediately below the castle, and is slightly raised above this older part of the city, was in great degree demolished by the earthquake, and then suffered still more from the fire which burst out amongst the ruins. Whether it had at any time any pretensions to beauty I cannot say, but it is now as unpretending and unadorned a structure as may be met with in any capital in Europe; it is, however, of considerable size, and specially venerated as containing the bones of the Spanish martyr, S. Vincente. (Smith 25-26)

Smith conta a lenda do mártir São Vicente e dos dois corvos (que figuram nas armas de Lisboa) que acompanharam as relíquias do Santo desde o Cabo de São Vicente (que, poeticamente, identifica como “the wild and stormy promontory at the extreme south-western corner of Europe”) até Lisboa e refere que, quem não acredita, pode ver os corvos vivos, ou os seus descendentes, nos claustros (Smith 26). Estes

⁸² Pereira 373.

⁸³ Neale 21.

corvos de S. Vicente foram tema recorrente dos viajantes-escritores britânicos, naturalmente pelo pitoresco da lenda, sucedendo que havia na Catedral uns corvos, ao que parece bem tratados (sedosos, nédios e lustrosos, no relato de Beckford⁸⁴), que os funcionários identificavam como sendo do tempo de São Vicente (brincadeira a que os visitantes iam aderindo).

Neale, em *Handbook for Travellers in Portugal*, fornece uma substancial quantidade de dados históricos sobre a Sé, referindo que era uma mesquita que D. Afonso Henriques transformou em igreja em 1147 e que foi, ao longo dos tempos, submetida a diversas alterações, tendo sido afectada por abalos sísmicos como o que ocorreu em 1344. A Neale, o interior da Sé não agradou sobremaneira, considerando-o escuro, sem imponência, mas deu destaque à Capela de São Vicente, onde repousam as relíquias do mártir, considerando-a “in its way, the most magnificent church in Lisbon, and forms a very conspicuous object from the river, entirely eclipsing the cathedral”.⁸⁵

Joseph Oldknow, na obra *A Month in Portugal* (1855), referiu-se igualmente aos corvos, conhecidos por “the holy crows”, mas não descobriu neles diferença em relação aos demais. Embora considerasse a Catedral, em parte em ruínas desde o terramoto de 1755, pequena, não deixou de lhe reconhecer uma aparência venerável e imponente, apesar de achar que algum do trabalho de reconstrução já feito denotava mau gosto.⁸⁶

Relativamente à recuperação subsequente ao terramoto de 1755, pode ler-se em *Arte Portuguesa: História Essencial*, de Paulo Pereira:

A recuperação do edifício, que se daria logo depois, tratou mais de remendar e de embelezar o que dela restava, a ponto de exigir uma campanha de reabilitação que só viria a ser projetada em finais do século XIX. Mas as obras de restauro só terão um início consequente na década de 30 do século XX, devendo-se a esses trabalhos a sua configuração atual. Edifício muito restaurado, portanto, não deixa porém de conter elementos originais e legítimos, que a colocam num lugar de destaque na história da arquitectura românica portuguesa.⁸⁷

William Morgan Kinsey, autor da obra *Portugal Illustrated* (1829), não encontrou nada de extraordinário na arquitectura da igreja, mas aludiu à riqueza exposta nos altares principais e laterais e aos numerosos ex-votos em cera suspensos em volta

⁸⁴ Beckford, 1988: 165.

⁸⁵ Neale 17.

⁸⁶ Oldknow 141-142.

⁸⁷ Pereira 241-242.

das colunas e dos pilares, quase escondendo o trabalho de pedra, como factores de atracção de multidões diárias de romanistas e heréticos.⁸⁸

As riquezas das igrejas foram muito comentadas pelos viajantes britânicos, que por vezes sublinham o contraste entre aquelas e a pobreza da população. Por exemplo, James Murphy, um arquitecto, na obra *Travels in Portugal* (1795), ao referir-se à Igreja Patriarcal (cujo edificio rotulou como “venerable”), considerou que seria necessário um volume para descrever os tesouros de relíquias sagradas, ouro, prata, pedras preciosas e mobília valiosa, acrescentando que os objectos que mais atraíam a atenção do viajante eram os nove candelabros e a cruz pertencentes à capela do Rei.⁸⁹

Ainda em Lisboa, a igreja de Belém (Jerónimos) deixou o Reverendo deslumbrado, o que motivou que ali se deslocasse por várias vezes, descobrindo, em cada uma delas, aspectos novos:

There is one church, outside the city indeed, but scarcely beyond its suburbs, which is of so remarkable a style of architecture, so richly though quaintly decorated, and withal so interesting, that I paid several visits to and always found some fresh point of attraction, so singularly does it differ from all other ecclesiastical buildings in Lisbon, and so entirely does it occupy the first place amongst the architectural lions hereabouts. (Smith 28)

Tudo o encantou – as tonalidades, a arquitectura, os pormenores:

The effect is extremely good, and the elaborate carving of the exterior, the peculiar mouldings, and the handsome though quaint tracery of the windows, derive very considerable advantage from the rich hue which has overspread the whole. So remarkable is the architecture of this church, and withal so highly finished are the decorations with which it is covered, that we were never tired of examining its many peculiarities. (Smith 29)

Dadas as suas preocupações estéticas, Smith procurou classificar o estilo, considerando que estava perante algo próximo do “Gótico Normando Moderno”.

O *gótico inglês*, cuja “evolução foi marcada, a partir do século XIV, pelo desenvolvimento do chamado estilo *perpendicular* (acentuação das linhas verticais do esqueleto construtivo e da decoração alongada e linear, com abóbadas de leque)”, teve

⁸⁸ Kinsey 116.

⁸⁹ Murphy, 1795b: 161.

longa duração, prolongando-se quase até ao século XIX. São exemplos desse estilo a Catedral de Gloucester e a Capela do King's College, em Cambridge.⁹⁰

O *manuelino*, associado à gesta dos Descobrimentos, considerado durante muito tempo como um “estilo genuinamente nacional”, trata-se, segundo o quase total consenso dos especialistas modernos, conforme se explica na obra *Arte Portuguesa*,

[...] não de um estilo, na total acepção da palavra, mas de uma arte feita de elementos de muitos estilos — góticos *flamejantes* uns, *platerescos* e *mudéjares* outros — conjugados com novas influências locais e novos gostos que se traduziram, sobretudo, num original sentido de ornamentação e numa imaginativa gramática decorativa onde os elementos da *heráldica régia e da imagética da pátria se aliaram a formas naturalistas, retirados principalmente da fauna e da flora marítimas* e das novas experiências de vida, à escala planetária.⁹¹

Refere-se nesta última obra que, na arquitectura, as construções deste período encontram a sua expressão comum na manutenção das estruturas góticas essenciais, havendo, no entanto, uma renovação, através do recurso a elementos estruturais ou decorativos inovadores ou ao nível da profusa ornamentação, com uso de motivos naturalistas, de influência marinha, e uma simbologia ligada à exaltação da pátria e à heráldica régia. E, no que toca à arquitectura religiosa, salientam-se as igrejas de nave única, de espaço amplo e de preferência quadrangular (as igrejas-salão) e as de corpo rectangular, divididas em naves de 5 tramos, ladeadas ou não por capelas menores.⁹² Ora, a Igreja de Santa Maria de Belém, a mais importante das obras manuelinas, iniciada em 1502, representa, na verdade, “o aparecimento de um tipo arquitectónico novo: a igreja-salão, com todas as naves à mesma altura e uma única abóbada”.⁹³

O Reverendo não deixa, contudo, entorpecer o seu entusiasmo pela necessidade de definição de estilos:

However, whatever may be its title, there can be no question that, whether we pause over the exterior with its magnificent porch, so richly adorned with sculpture, and the battlements such as I had never seen before; or whether we examine the interior, with its tall and slender columns sculptured from top to bottom, the well-groined roof, and the deeply-cut mouldings and decorations of a variety of forms, we were always impressed with the elaborate finish and the exquisite beauty of the whole. (Smith 29)

⁹⁰ Pinto, Meireles e Cambotas 2006: 350 e 352.

⁹¹ Pinto, Meireles e Cambotas 2010: 95.

⁹² *Ibid.* 95.

⁹³ Gomes 113.

Rejeita, manifestamente, a posição dos puristas do gótico que depreciavam esta igreja (Smith 29) e sublinha antes estar-se perante uma igreja “distinctive and peculiar”, com os seus claustros elegantes, os arcos bem proporcionados e encantadores, e os detalhes dignos de exclamação ou admiração (Smith 30). Também aqui remete, relativamente ao que ficou por dizer, para o *Handbook for Travellers in Portugal*. Neale, nessa sua obra, tece igualmente rasgados elogios à Igreja de Belém, adjectivando-a de “magnificent”, louvando a excelência da talha e a coloração adquirida com o tempo — “It admits of exquisite carving, and it is very durable; originally white, it has now acquired a rich golden hue” —, os claustros, os detalhes (“the exquisite beauty of the details”), sobretudo para o visitante que ainda não tenha visto a incomparável “Capella Imperfeita” da Batalha.⁹⁴ Isto, para além das informações históricas que fez constar do guia e de incursões no campo poético, com citações de Garrett (“...templo/Que a piedade, e fortunas apregoa/De Manoel o feliz: padrão sagrado/De gloria, e religiao: primor das artes, /Protegidas d’um rei, que soube o preço”) e Camões.⁹⁵

Crê-se que há uma quase unanimidade (ressalvando os eventuais reparos dos puristas do gótico, a que alude Smith) relativamente ao Mosteiro de Santa Maria de Belém, Jerónimos, alargando-se os viajantes-escritores em exclamações de espanto perante a finura dos detalhes, o rendilhado da pedra, a magnificência dos claustros, os arcos, os adornos e a elegância das colunas, percebendo os mais ilustrados, ou menos radicais, que se está perante uma mistura (sábia) de estilos. É o caso de Joseph Oldknow, que classificou a igreja como “rich and striking” e considerou que o estilo oscilava entre o Mourisco e o Normando⁹⁶; ou de James Murphy, que também apontou para o Gótico-Normando e o Árabe, sublinhando os arabescos do claustro, com bom gosto e cuidada execução⁹⁷; ou de Kinsey, que considerou a arquitectura impressionante, notando que, em vez de um esforço de preservar a simetria, se procurou que as colunas fossem diferentes umas das outras e registando também que a igreja adjacente ao mosteiro se apresentava em estilo gótico grandioso, criando uma agradável impressão.⁹⁸ Citou Murphy por ter este dito que a Providência salvou, quase por completo, este edifício dos efeitos do terramoto de 1755, o que revela que Kinsey leu

⁹⁴ Neale 24.

⁹⁵ *Ibid.* 23.

⁹⁶ Oldknow 161.

⁹⁷ Murphy, 1795b: 176.

⁹⁸ Kinsey 476-477.

efectivamente o livro de Murphy, *Travels in Portugal*, no qual se faz aquela referência, na página 175. Outro caso ainda é o da Baronesa Holland, que considerou que a beleza dos claustros excedia até os da Batalha “em arquitectura ornamental do gótico tardio”.⁹⁹

Lady Jackson também se alargou em referências encomiásticas relativamente à igreja dos Jerónimos, a começar pela “soberba” porta principal, ao sul do templo, e passando pelo relicário, os jazigos reais, de “primoroso cinzel”, ou o magnífico claustro de Belém, a rivalizar com o de Alcobaça.¹⁰⁰

b) Évora e os ecos da Inquisição

O Reverendo Smith empreendeu uma viagem a Évora e há que realçar a minúcia com que a descreveu, permitindo reconstituir com exactidão o percurso que, há anos, se fazia, atravessando primeiro o Tejo e, depois, tomando o comboio no Barreiro, em direcção ao Alentejo. Smith teve o cuidado de referir até a divisão do comboio em dois, no Pinhal Novo, tendo em conta a ligação a Setúbal, ou a bifurcação da linha em Casa Branca: a continuação com destino a Beja, para Sul, e o ramal de Évora, para Leste. Pelo caminho, como se se tratasse de um pintor (que ele confessou que gostaria de ser, para representar a aguarela ou a óleo o que estava a ver), colocou na paleta todas as cores do Alentejo, na Primavera, bem como foi capaz, de forma impressiva e poética, de transmitir a solidão da planície, num dos trechos mais belos do livro:

There were literally miles upon miles of juniper, lavender, myrtle, laurel, rosemary and broom; miles upon miles of heaths of every species; of the fragrant thyme; of the beautiful cisti of various colours, the yellow, the pink, the white, and the purple; of the handsome hibiscus, and many another flower which I could not identify. But the result was, that the eye was almost dazzled with the brilliant patches of purple, and red, and blue, and yellow, which completely carpeted the ground. [...] For many consecutive miles not a tree was visible, not a house, not a man, not a beast, rarely even a bird; but the smell of aromatic shrubs pervaded the atmosphere, and the ‘silence of solitude’ reigned supreme in these deserted wastes. (Smith 62-63)

À grandeza da planície, seguiu-se, em Évora, a grandeza da catedral. Estando numa sede de arcebispado, descobre o Reverendo uma mistura de igreja com castelo, o

⁹⁹ Holland, Holland e Allen 99.

¹⁰⁰ Jackson 218-219.

que o leva a recordar tempos em que era necessário assegurar a defesa contra as insurreições:

As Evora is an archiepiscopal see, the cathedral was naturally the first object of attraction, and hither we bent our steps through the narrow, silent, tortuous streets: the exterior presents a remarkable appearance from the many lanthorns which rise from the tower, as well as from the strongly-barred and heavily-grated windows, which remind one of troublous times, of which indeed this city has experienced its full share; and the result was that this House of Prayer bore a strange resemblance to a castle or fort, and doubtless would on occasion, before the use of gunpowder was known, stand a siege; and shelter for a time the ecclesiastics against the turbulent populace, who were notorious for their frequent insurrections for one and another cause;

Half Church of God, half castle 'gainst the Moor. (Smith 65)

Chamou-lhe a atenção a cor peculiar da cantaria das naves, corredores e pilares, impressionando-o a solenidade e a imponência. Considerou-a um monumento de invulgar interesse: “it combined a harmony of detail, an elegance and a finish, and in the choir a richness of material and a display of artistic skill, which might be searched for in vain in many more renowned churches” (Smith 66). A propósito das capelas laterais fez um reparo, considerando serem estas, nas igrejas católicas romanas, geralmente ocupadas por um mobiliário incongruente e terem uma ornamentação excessiva, pouco consentânea com o bom gosto.

Guiado por dois livreiros (ou melhor, “sub-livreiros”, pois o principal, com quem combinara encontrar-se, estava ausente de Évora) quis ver a biblioteca do Arcebispado e, tendo deparado com vários quadros atribuídos a Grão Vasco, lamentou a informação daqueles de que não tinham nenhum livro dedicado ao pintor (uma velha pecha portuguesa). Constatou, no entanto, a existência de milhares de volumes de manuscritos, quase inteiramente confinados a trabalhos teológicos, advindos de bibliotecas de conventos extintos. Encontrou, ainda, uma grande quantidade de bíblias, muito antigas, que examinou (depreende-se do texto que o fez com especial gozo).

Neale, no *Handbook for Travellers in Portugal*, fez constar algumas informações sobre a Catedral, iniciada em 1186, consagrada em 1204 e restaurada em 1283, datas que são confirmadas, por exemplo, por Paulo Pereira, em *Arte Portuguesa: História Essencial*, mais uma vez se comprovando o cuidado posto por Neale na pesquisa que fez e a abundância de informação contida no seu guia. Paulo Pereira refere que a fundação desta Sé — a maior do território português, “assumindo-se [...], na linha

do horizonte, como um emblema político e, logo, como emblema real” (no fundo, a confirmação da dupla natureza do templo, enunciada por Smith) — se deu em 1186, sob o bispado de D. Paio, vinte e um anos após a conquista da cidade, e a sagração em 1204, estando a primitiva catedral, na altura, muito incompleta.¹⁰¹ Além disso, Neale faz também menção à biblioteca arquiépiscopal, de 50.000 volumes, bem como aos quadros de Grão Vasco, identificando-os um por um, com uma meticulosidade assinalável.¹⁰²

Foram mostrados ao Reverendo Smith vários objectos, entre os quais avultou uma grande “Bandeira da Santa Inquisição”, aberta sobre uma mesa, tendo ao centro as armas respectivas, trabalhadas a ouro e enquadradas pela expressão: “Exsurge, Domine, causam Tuam judica” (“Levantai-vos, ó Deus, e defendei a Vossa causa”). Comenta o autor que tal se reportava ao tempo de uma Igreja toda-poderosa, que aquela bandeira tinha sido testemunha das mortes mais cruéis e que flutuara sobre procissões de muitos autos de fé. Sentiu-se o Reverendo agradecido pelo facto de um tão tirânico tribunal não ter penetrado no seu país, reflectindo, ao mesmo tempo, sobre o que a unanimidade da fé na Península Ibérica possibilitara, unanimidade que, no seu país, se apresentava, aparentemente, distante. Pensou também que, nada justificando ou atenuando a injustiça, a culpa, as crueldades e os crimes cometidos, se verificava que a intenção original fora a da salvação das almas e que, na idade da intolerância, isso era aceite e impulsionado pelos mais humanos e pios prelados e soberanos que o mundo conheceu, como a rainha Isabel de Espanha, grande exemplo de piedade, sabedoria e coragem (Smith 69-70).

“A Inquisição é um tribunal eclesiástico criado pelo papa no século XIII, o qual funciona com poderes delegados para a perseguição das heresias, ou seja, das práticas e crenças religiosas desviantes face à ortodoxia romana”, pode ler-se no *Dicionário de História Religiosa de Portugal*.¹⁰³ O seu estabelecimento em Portugal conheceu um processo longo, sendo o inerente quadro legal, após vários pedidos da Coroa ao Papa, definido em 1536. Foram criados tribunais de distrito, sendo os dois iniciais os de Évora e Lisboa. Havia visitas da Inquisição aos distritos, que redundavam num processo de inspecção das crenças e práticas religiosas das populações. Foram os *cristãos-novos*, de origem judaica (os *cristãos-novos* eram os recém-convertidos ao Cristianismo, havendo desconfianças, perante uma lei de expulsão dos judeus, de 1496, de conversões fictícias

¹⁰¹ Pereira 302.

¹⁰² Neale 50.

¹⁰³ Bethencourt, 2000a: 447.

para evitarem essa expulsão, a suscitarem investigação e perseguição), as principais vítimas do Santo Ofício. Mas a perseguição não se cingiu aos judeus, recaindo também sobre os protestantes. Na verdade, como é assinalado na *História Religiosa de Portugal*, a perseguição às “heresias” protestantes foi “incluída nos diplomas papais, no primeiro monitório e nos éditos da fé da Inquisição portuguesa através de referências concretas a crenças (ou descrenças)”,¹⁰⁴ não podendo ser negligenciado que:

[...] o fenómeno de rejeição de formas religiosas alternativas na Península Ibérica, por exemplo, decorreu num ambiente de debate condicionado por um quadro eclesiástico estruturado e apoiado na Inquisição, instrumento de vigilância poderoso. Não podemos descartar um facto simples, o de que nenhum texto protestante foi impresso em Portugal até ao século XIX, por exemplo, que os textos de correntes reformadoras evangélicas foram rapidamente colocados no rol de livros proibidos, que as devassas de bibliotecas, livrarias e tipografias impediam a circulação de textos doutrinários heterodoxos (sobretudo nos séculos XVI e XVII [...]) e que o controlo dos navios à entrada dos portos constituía uma barreira importante à importação de livros impressos no estrangeiro.¹⁰⁵

Houve vários processos contra protestantes, instaurados pela Inquisição, e conversões fictícias movidas por interesses imediatos, o que, aliás, é referido por Costigan, ao aludir a ingleses que se deram como convertidos à religião do país, escolhendo a Rainha (D. Maria I) como madrinha, obtendo a sua protecção e, frequentemente, também uma pequena pensão, verificando-se este fenómeno nas classes inferiores. Assistiu, ademais, ao baptismo de um desses neófitos na capela do Palácio Real da Ajuda, com a presença da Rainha, tendo ouvido um sermão proclamatório da única religião verdadeira que existia sob o céu e de quantos se vinham convertendo¹⁰⁶, designadamente os “réprobos heréticos ingleses”.¹⁰⁷

Para além do Reverendo, vários viajantes fizeram referência à Inquisição e aos seus actos, aludindo, inclusive, a grandes figuras da cultura portuguesa que dela foram vítimas. Trata-se, aliás, de um tópico recorrente na Escrita de Viagem britânica sobre Portugal. Por exemplo, James Murphy, que encontrou em Portugal a Inquisição ainda em actividade, mencionou, em *Travels in Portugal*, a existência, no Rossio, em Lisboa, de um edifício pertencente àquela instituição, em cujo frontão surgiam umas figuras que representavam um herege a ser espezinhado pela Religião, e, em Évora, assinalou

¹⁰⁴ Bethencourt, 2000b: 68.

¹⁰⁵ *Ibid.* 70-71.

¹⁰⁶ Costigan, Vol. II: 58 e 64-65.

¹⁰⁷ *Ibid.* 64.

também a presença do Tribunal da Inquisição, referindo, no entanto, que se apresentava em situação de decadência e provavelmente não se ergueria de novo.¹⁰⁸

Southey, nas suas *Letters*, elaborou uma lista de penitentes vítimas da Inquisição, com referência às razões por que foram perseguidos e às penas sofridas. Nela figura, por exemplo, José Anastácio da Cunha (1744-1787), um eminente cientista do século XVIII, professor de Geometria da Universidade de Coimbra (a quem Aquilino Ribeiro dedicaria um livro: *Anastácio da Cunha, o Lente Penitenciado: vida e obra*, 1938), começando o relato dos seus “crimes” desta forma (na versão de Southey): “Reading prohibited books, and an intimacy with people of various persuasions, made him first of all embrace a liberty of conscience, and afterwards an apostate, a favourer of toleration, indifferent to religion, a Libertine, and an Atheist”.¹⁰⁹ A pena que lhe foi aplicada incluía quatro anos de degredo em Évora e a confiscação de todos os bens, entre os quais a biblioteca.¹¹⁰

Muitas vezes tem sido imputada à Inquisição, pelo menos em parte, a culpa pelo retardamento do desenvolvimento científico na Península Ibérica. Nesse sentido, Kinsey dizia, no *Portugal Illustrated*, que a glória do grande rei D. João III foi manchada pelo estabelecimento do tribunal da Inquisição, cujas iniquidades e bárbaras crueldades tingiram de sangue algumas páginas da História de Portugal e que teve efeitos perniciosos, além do mais “in the arrested progress of the sciences and the arts”.¹¹¹

Marianne Baillie, por sua vez, fez menção, para além de outras considerações, ao “infernical domínio desta instituição”. Ao mesmo tempo, registou o facto de ter ocorrido a sua destruição final, pelos ministros de então (a Inquisição foi extinta em Portugal, pelas Cortes Constituintes, em 1821), sem deixar de sublinhar que, mesmo numa fase de decadência, ocorreram casos de crueldade e injustiça perpetrados por aquela organização.¹¹²

A marca da Inquisição está colada à História de Portugal e mesmo em recentes livros sobre este país, como *Os Portugueses* (2011), de Barry Hatton, não deixam os autores estrangeiros de dedicar algumas páginas aos actos e efeitos de uma tal

¹⁰⁸ Murphy, 1795b: 156 e 303.

¹⁰⁹ Southey 324.

¹¹⁰ Marcocci e Paiva 375.

¹¹¹ Kinsey 38.

¹¹² Baillie 67.

instituição, afirmando por exemplo aquele jornalista inglês, a dado passo, que por sua causa “Portugal perdeu, em grande parte, o Renascimento”.¹¹³

Retornando ao périplo de Smith, importa referir que, em Évora, passou ainda por outros locais, como o Templo de Diana, no qual não encontrou a excelência a que anteriores viajantes tinham dado destaque, fazendo antes uma reflexão sobre as práticas excessivamente laudatórias de alguns, que depois redundam em desapontamento de quem vem a seguir. Mostra, assim, preocupação com o rigor e independência de ponto de vista, bens inestimáveis para quem leia uma obra desta natureza. Apreciou especialmente a localização do templo (“a most commanding position”) e a paisagem que do terraço se alcançava, sendo que, no que respeita a monumentos romanos — um domínio em que era especialista —, ter-se-á impressionado mais com o famoso Aqueduto e os seus arcos sobre os vales e as colinas (Smith 71-72), aqueduto esse que aparece, em *Travels in Portugal*, magistralmente desenhado por James Murphy, que igualmente desenhou o Templo de Diana, embora este surja reconstituído como se estivesse, na sua integralidade, de pé.¹¹⁴

No Alentejo, não deixou de, com a sua inseparável arma, dar um longo passeio pela charneca selvagem, certamente à procura das aves que figuram na sua longa lista.

De regresso a Lisboa passou por Setúbal, cidade que visivelmente lhe desagradou, tratando-se de um dos registos mais desolados deste viajante: “As regards the town of Setubal, I must declare it to be the very acme of all that is dullest, ugliest, most desolate, and uninteresting. We wandered through it in every direction, but there was nothing to admire or to interest; the squares were grass-grown, the streets deserted.” (Smith 74)

A Lisboa que reencontrou, após o percurso Setúbal-Pinhal Novo-Barreiro feito de comboio, e a travessia do Tejo, foi uma já “familiar Lisbon” (Smith 75).

c) Alcobaça e Batalha: a rota dos nobres mosteiros

O Reverendo decidiu partir, com o seu pai, rumo a Norte, novamente de comboio e de noite, tendo como primeiro destino Alcobaça.

¹¹³ Hatton 133.

¹¹⁴ Murphy, 1795b: gravuras XVII e XIX.

Já em Alcobaça, Smith começa por dizer que o mosteiro ali situado é de um interesse extraordinário, por se tratar do maior e mais esplêndido da Cristandade, tendo albergado nobres monges e sendo, possivelmente, a casa religiosa mais rica do mundo. Na verdade, refere, a dado passo, sobre o mosteiro: “[...] conspicuous on all sides from the surrounding hills, stood the great Cistercian monastery, which at one time contained a thousand monks, and was notorious as the largest and probably the most wealthy religious house in the world” (Smith 81).

O Reverendo reporta-se, de novo (tal como fizera em relação aos Jerónimos), em termos de estilo arquitectónico, ao “Gótico Normando Moderno”, acrescentando que a igreja do mosteiro, na sua parte externa, ostentava um aspecto elevado e nobre. Considerou que os objectos de maior interesse se apresentavam preciosamente esculpidos, mas muito mutilados, como sucedia com os túmulos de D. Pedro e D. Inês de Castro, esse “unfortunate couple”, remetendo aqui, como em tantas outras ocasiões, para o indispensável *Handbook for Travellers in Portugal*.¹¹⁵

Nessa obra, Neale, mais uma vez, traça com minúcia a história do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, reportando a sua fundação à iniciativa de D. Afonso Henriques. Na verdade, conforme se pode ler no *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, o Mosteiro foi fundado na sequência de uma doação de D. Afonso Henriques e de sua mulher, D. Mafalda, ao abade D. Bernardo do Mosteiro de Claraval, da Ordem de Cister, através de carta de Abril de 1153, pressupondo o documento a instalação de um mosteiro cisterciense no lugar de Alcobaça. A partir desse mosteiro deveriam ser asseguradas finalidades como as de repovoamento e fortalecimento da presença cristã numa área de fraca densidade populacional e de fronteira com o inimigo sarraceno, sendo de admitir ainda que, com esta dádiva, D. Afonso Henriques pretendesse facilitar o seu reconhecimento como rei, pelo papado, através da intercessão de Bernardo de Claraval. O arrastamento da construção por longos anos levou a que, para além do românico original, tivessem sido introduzidos no edifício traços do gótico “bem como elementos estéticos distantes da pureza, da simplicidade e do rigor preconizados por São Bernardo, mais condizentes com o poderio que o mosteiro ia conquistando”.¹¹⁶ O mosteiro, que tinha sob o seu domínio um vasto território, atingiu grande poder económico, designadamente pelo recebimento dos dízimos dos coutos, assumiu um importante papel assistencial e caritativo, bem como educativo, e tornou-se um dos

¹¹⁵ Cf. Neale 84.

¹¹⁶ Penteado, 2000: 33.

grandes centros da cultura monástica em Portugal. Foi muito relevante a produção do seu *scriptorium*, dele saindo vários códices e sendo importante a sua biblioteca. Em 1574, Alcobaça, com um abade eleito de três em três anos, tinha catorze mosteiros sob a sua jurisdição.¹¹⁷ Para além de eventos vários, como uma inundação em 1722, com graves consequências, ou os danos causados pelas Invasões Francesas, em 1811, houve, em 1833, um levantamento popular contra os frades, que acabou com a vida monástica no local, sendo a abadia saqueada durante onze dias. O que escapou do cartório e livraria deu entrada, após a extinção das ordens religiosas, em 1834, na Torre do Tombo e na Biblioteca Nacional. O edifício do mosteiro seria, depois, utilizado pelo Estado para diversos fins. Quando Smith passou por Alcobaça, verificou que um canto do mosteiro era ocupado por um “small band of thirty soldiers” (Smith 88) e estaria também a ser utilizado como prisão.

Perpassa pelo texto do Reverendo o assombro perante a dimensão e a magnificência do mosteiro, nomeadamente pelo tamanho da cozinha (e sobretudo o da famosa chaminé), mas mais significativa será a sua nostalgia ao ter um vislumbre da importância que o mosteiro tivera no passado. Para um apaixonado por livros, como era manifestamente Smith, a zona da biblioteca deixou-o maravilhado, referindo tratar-se de “one of the finest rooms I ever saw” (Smith 85). Descreveu a sala com pormenor, aludindo à existência de três telhados para evitar a humidade, à enorme espessura das paredes, ao tecto trabalhado, às largas janelas, admiravelmente preparadas para a luz, mas bem vedadas e providas de amplas portadas, tudo para assegurar uma atmosfera seca para os livros e uma amena temperatura para quem os usava, tratando-se de uma sala de leitura francamente convidativa para os estudiosos monges. Perante as paredes e prateleiras vazias que, em tempos idos, haviam albergado tesouros, deixou voar a sua imaginação: “on the sunny side of the monastery, and looking out on the beautiful gardens and down the green valley, we may imagine as quiet and peaceful retirement as the most fastidious student could desire” (Smith 85). E extrai-se do tom utilizado o lamento de não poder ser um dos poucos que usufruíram de um largo catálogo de livros e manuscritos.

Smith exprime um sentimento de dívida para com os monges por terem preservado muito daquilo que conforta, e pelo legado de fé e valores morais deixados aos tempos futuros. Lamenta, a finalizar, que aquele nobre e grande mosteiro esteja

¹¹⁷ *Ibid.* 32-38.

quase na totalidade “deserted and empty” (Smith 89). O Mosteiro de Alcobaça causou-lhe uma impressão que haveria de perdurar, levando-o mesmo a sonhar que visitava o Abade de Alcobaça e que, no meio dos monges, na biblioteca, assistia ao seu infatigável labor de copistas, os quais, com maravilhosa destreza, reproduziam em *fac-símile* os seus manuscritos, desenhando, em brilhantes cores e a ouro, as letras capitulares; ou que participava numa devoção na igreja; ou que percorria os longos corredores, ou o refeitório, ou a cozinha.

Há neste viajante uma sensibilidade que o conduz, por entre o relato, objectivo e com grande honestidade intelectual, do que lhe é dado ver, à digressão literária, ao devaneio poético, o que torna a leitura muito mais agradável, sensibilizando o leitor em certas passagens.

De um modo geral, os viajantes-escritores não lograram resistir aos encantos de Alcobaça, como se, de um momento para o outro, mergulhassem na Idade Média. Rendidos, entre o mais, aos túmulos de Pedro e Inês, mutilados pelas Invasões Francesas, e com a envolvimento da sua trágica paixão, quedam-se perante esses túmulos com inevitável solenidade.

Noutro registo, a já mencionada cozinha, com as suas grandes dimensões, não podia deixar de suscitar comentários, desde logo face ao contraste entre a existência monacal, que se adivinharia frugal, de jejum e abstinência, e os lautos manjares que as características de uma tal cozinha sugerem.

Beckford, que passou por ali durante a sua segunda estada em Portugal, entre 1793 e 1795, ou seja, antes das Invasões Francesas (que tiveram lugar entre 1807 e 1811), refere, na sua obra *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha*, que visitou a capela sepulcral onde estão os túmulos de D. Pedro, o *Justiceiro*, e da sua amada Inês, a uma hora em que a luz que invadia esse recanto solene de tão solene edifício era tão ténue e difusa que mal lhe permitia ver a elaborada escultura dos túmulos. E acrescenta que, quando se entregava aos comoventes devaneios que semelhante obra não pode deixar de provocar, foi chamado para a cozinha, sendo conduzido por três prelados ao “mais notável templo de glotonaria de toda a Europa”, compondo-se o banquete que lhe foi servido “não só do que há melhor da cozinha tradicional, mas também de iguarias raras e especialidades fora de época e de países longínquos”, exprimindo-se, aqui, de modo evidente, o aludido contraste ou,

nas palavras do próprio Beckford, um *allegro* delicioso, em oposição com o *penseroso* de alguns conventos.¹¹⁸

Lady Jackson faz alusão a esta passagem do livro de Beckford, o que, uma vez mais, demonstra que os viajantes tinham o cuidado de ler as obras dos que por Portugal tinham passado antes deles, mas, no caso, também revela uma perspectiva diversa da de Smith no que se refere a uma primeira abordagem ao mosteiro. Não faltam, na obra *A Formosa Lusitânia*, manifestações de deslumbramento perante a majestade do edifício, a grandiosidade e beleza da igreja, quer no que toca à nave central, quer às laterais, com arcos a grande altura, a magnificência do trabalho de escultura (*Lady Jackson* sublinha que os portugueses se distinguem como escultores), a livraria, “outrora uma sala esplêndida”,¹¹⁹ mas o comentário que a autora faz à chegada ao edifício está longe de possuir a carga de espiritualidade predominante na visão do Reverendo. Na verdade, a viajante começa as suas referências ao mosteiro desta forma:

Alcobaça! O nome deste real mosteiro pinta-nos à mente uma visão de joviais monges bernardos todos de fidalga estirpe, medrando na exuberância dos seus domínios, cercados de jardins, de vinhedos, e de vergéis. Rendimentos principescos eram principescamente desbaratados. “São grandes as liberalidades do Senhor: faz-se mister gozá-las”, dizia o dom abade. Como saboreavam as belas coisas da vida, cordialmente queriam reparti-las, e portanto eram generosos hospedeiros e afectivos amigos dos seus servos e dos camponeses dos seus vastos senhorios.¹²⁰

Encara *Lady Jackson* a falta de frades em conventos como os de Mafra, Batalha e Alcobaça como a ausência de um “acessório pitoresco”,¹²¹ ou seja, confere maior relevo ao aspecto típico (para viajante ver) que resultava da presença de monges com os seus hábitos, do que à função que desempenhavam.

Trata-se, pois, de uma postura muito diferente da de Smith que, comentando a supressão das ordens monásticas, venceu os benefícios que de um mosteiro como o de Alcobaça resultavam para as populações desprotegidas no que se refere, por exemplo, a ensino ou assistência. Eram aqueles monges os grandes benfeitores do distrito e a abadia um *point d'appui* para o qual se voltavam os necessitados. Escreve, a dado passo, o Reverendo:

¹¹⁸ Beckford, 1997: 36-37.

¹¹⁹ Jackson 211.

¹²⁰ *Ibid.* 209.

¹²¹ *Ibid.* 211.

[...] they were the best and most enlightened landlords of the period, most considerate for their tenants, most ready to expend capital on improvements: foremost, too, in all works of public utility, they were the road-makers, the bridge-builders of their time. Then they were the only schoolmasters of their age; to them alone was due the education, so far as it went, of the children all around them. (Smith 87-88)

Já a caminho da Batalha, o autor, que refere ter tido muitos contactos com religiosos — Franciscanos, Dominicanos, Carmelitas —, volta a expressar o seu sentimento nostálgico em relação a Alcobaça:

[...] the great empty shell at Alcobaça spoke of high aspirations come to an end, of lives devoted to God passed away; and all the reflections connected with this great abbey, as perfect as human design and skill could effect, were of a melancholy nature, for they spoke only of the past, without any reference to the present or the future. (Smith 92)

O Mosteiro da Batalha, que o Reverendo visitaria a seguir, figura no topo dos monumentos que mais o impressionaram, pela sua magnífica arquitectura e significado:

Now, Batalha is indisputably, so far as architecture is concerned, by very far the first ecclesiastical structure in Portugal: nay more, it has no rival which can compete with it for a single moment; it is something more than *facile princeps* amidst its brethren, of Belem, Alcobaça, and Mafra. (Smith 93)

Começou o Reverendo por aludir ao desconhecimento do mosteiro, até pelos cidadãos nacionais, incompreensível ou injustificado face à excelência do monumento:

And yet to the ordinary English ecclesiologist it is scarcely known even by name, whilst among British travellers in Portugal, and still less amongst the educated inhabitants of the country, you can scarcely find one in a hundred who has thought it worth the fatigue and trouble to deviate but a short day's journey from the direct line which connects the southern and northern capitals of Lisbon and Oporto, in order to see this beautiful monastery, built in so peculiar a style, but so rich and striking in its exquisite details. (Smith 93)

Smith fez menção a uma obra do arquitecto Murphy, datada de 1795, contendo “planos e elevações” dos edificios que compõem o mosteiro, referindo desconhecer outras gravuras ou imagens daquele notável monumento. No entanto, em nota de rodapé, dirá que, depois de ter escrito o seu texto, viu no Kensington Museum um belo

volume com vinte grandes fotografias da autoria de Thurston Thompson, tendo como tema o Mosteiro da Batalha.¹²²

Na verdade, James Murphy, no mesmo ano da publicação da sua obra *Travels in Portugal* (1795), publicou também *Plans, Elevations, Sections and Views of the Church of Batalha, in the Province of Estremadura in Portugal, with the History and Description by Fr. Luis de Sousa*, contendo um conjunto de minuciosos e extraordinários desenhos sobre várias aspectos, ou ângulos, do Mosteiro da Batalha, da sua autoria, tendo, para tanto, ali permanecido treze semanas, em 1789, a desenhar. Tão preciosos desenhos terão, necessariamente, contribuído para alargar o conhecimento do mosteiro, e, além disso, assumem um importante significado documental e histórico, levando designadamente em conta as modificações posteriores sofridas por aquela construção, como se assinala no sítio do Mosteiro da Batalha, no qual se dá importante destaque a este famoso viajante.¹²³

Por outro lado, no ano em que Smith veio a Portugal, 1868, foi publicado o livro a que o autor alude na dita nota de rodapé, com vinte fotografias da autoria de Thurston Thompson, intitulado *The Sculptured Ornament of the Monastery of Batalha in Portugal. Twenty photographs by the late Thurston Thompson, with a descriptive account of the building*. Também “F.” (o pai do Reverendo), durante os vários dias em que ambos estiveram na Batalha, fotografou a igreja, os claustros, a Capela do Fundador e as Capelas Imperfeitas.

No que concerne ao monumento enquanto mosteiro propriamente dito, Smith anota que a sua dimensão é diminuta quando comparada com a do Mosteiro de Alcobaça, pois, ao passo que este albergava um milhar de monges, o da Batalha tinha pouco mais de quarenta irmãos, sendo também mais pobre.

Alude também à sua fundação por D. João I, na sequência da Batalha de Aljubarrota, atribui-lhe o estilo “Gótico Normando Moderno”, misturado com Árabe, e regista que o material em que está construído é um mármore semelhante ao de Carrara.

O Mosteiro da Batalha foi, efectivamente, mandado erigir por D. João I para cumprimento de um voto feito por altura da Batalha de Aljubarrota, tendo sido doado aos monges Dominicanos pela ajuda que o rei deles recebera durante as Cortes de 1385. O longo período de construção teve consequências em termos de estilo: “Cumprido por

¹²² Charles Thurston Thompson (1816-1868), gravador e fotógrafo.

¹²³ “James Murphy”. <<http://www.mosteirobatalha.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=255>>

várias etapas, ao longo de mais de cem anos, o Mosteiro da Batalha apresenta diferentes soluções técnicas, estéticas e estilísticas, de acordo, possivelmente, com as diferentes características dos vários mestres que dirigiram a sua construção”.¹²⁴ Com as alterações que foram introduzidas, a planta original da Igreja, na linha do gótico mendicante do período inicial,¹²⁵ ganhou um “aspecto próximo do das grandes catedrais do gótico do Norte da Europa”.¹²⁶

Relativamente à Igreja, Smith venceu as grandes dimensões e a sua forma peculiar, com três naves que terminam num transepto encabeçado por cinco capelas. Refere a existência de um coro, embora pequeno, e a ausência de capelas laterais ou de ornamentos que desvirtuassem o efeito geral (recorde-se que apontara, a propósito da Catedral de Évora, a prática portuguesa de decorar com algum mau gosto as capelas laterais, utilizando o termo “incongruência” para definir essa prática).

O Reverendo fez um cuidadoso exame do portal principal (axial) do mosteiro, com as suas figuras em alto-relevo, revelando uma especial sensibilidade para os pormenores desta natureza, nem sempre acessíveis (no que tange à identificação e significado das figuras representadas) a outro tipo de viajantes, menos familiarizados com a temática religiosa:

In the centre, above the door, the blessed Saviour is represented, attended by the twelve Apostles and presiding over the Court of Heaven; and the saints which comprise that celestial court are ranged in order, in seven rows on either hand. To the four Evangelists is given the post of honour, next to the Redeemer; and then in due course stand the arch-angels, the angels, the confessors, the kings, the martyrs, and, lastly, the virgins; in an order of precedence we should scarcely have expected amidst a nation so keenly appreciative of etiquette in rank. High above all the subject includes the coronation of the Virgin by the Eternal Father. (Smith 97-98)

Explica Paulo Pereira que a Coroação da Virgem é um motivo que se impunha num templo cuja dedicatória é a Santa Maria da Vitória, parecendo decorrer desta invocação o programa global do portal, que deve ser considerado como *figuração celeste*, sendo que o próprio templo gótico “é a *representação microcósmica* da Igreja Celestial, ou seja, da Igreja Espiritual — e é dela reflexo”.¹²⁷

¹²⁴ Pinto, Meireles e Cambotas 2010: 70-71.

¹²⁵ *Ibid.* 70.

¹²⁶ *Ibid.* 71-72.

¹²⁷ Pereira 368.

Regozizou-se o Reverendo, como inglês, e num assomo de patriotismo, com o facto de surgirem representados, no túmulo de D. Filipa de Lencastre, os leopardos ingleses, lembrando a influência que a sua conterrânea terá tido na fundação deste glorioso mosteiro. Também no *Handbook for Travellers in Portugal* se fala da influência de D. Filipa de Lencastre, relativamente, por exemplo, ao plano da nave da Igreja, sem capelas, altares laterais ou arranjos, ao gosto dos ingleses e em contraste com o uso português.¹²⁸

Este mosteiro, dada a sua magnificência, não podia deixar de merecer, ao longo dos tempos, a aclamação de outros famosos viajantes, como Beckford, que, tal como em Alcobaça, nele foi recebido pelos monges, dando conta do seu deslumbramento, designadamente quando participou num cortejo que antecedeu a celebração da missa a que assistiu. Compara este viajante a igreja, ao entrar na nave, a Winchester, pelos seus arcos e capitéis, e a Amiens, pelo verticalismo.¹²⁹ Joseph Oldknow, por seu turno, considerou a igreja conventual no Mosteiro da Batalha “a glória arquitectónica de Portugal”.¹³⁰ Murphy, profundo conhecedor do mosteiro, que o desenhou e mediu, refere na obra *Travels in Portugal* (em cuja página 37 surge uma vista do mosteiro, desenhada pelo próprio autor) que o efeito geral da igreja, grande e sublime, é derivado, não dos embelezamentos, mas do intrínseco mérito do desenho, acentuando, assim, a excelência advinda do despojamento, da rejeição do supérfluo de ornamentos que, frequentemente, enchem alguns edifícios góticos.¹³¹ E muitos outros viajantes, que, com inteira justificação, deixaram no papel, bem vincada, a expressão da sua admiração pela magnificência desta obra magna da arquitectura religiosa portuguesa, poderiam ser citados.

Registe-se também aqui, em contraste com a solenidade inerente a tudo o que respeita ao magnífico mosteiro, que o Reverendo, na parte final do capítulo VIII, intitulado “Batalha”, narra que, durante a sua estada, teve tempo de se aventurar, de espingarda na mão, pelos vastos pinhais da zona, onde deparou com a “very essence of solitude”, descrevendo, ao mesmo tempo, a fauna e a flora da região (Smith 102).

¹²⁸ Neale 90.

¹²⁹ Beckford, 1997: 58.

¹³⁰ Oldknow 111.

¹³¹ Murphy, 1795b: 33-34.

d) Coimbra: a “Lusa Atenas”

O Reverendo e o seu pai deixaram a Batalha, pela madrugada, levados por mulas, a caminho de Pombal, onde apanhariam o comboio para Coimbra. De passagem por Leiria, visitaram a Sé, relativamente à qual nada de especial foi assinalado pelo autor. Naquela cidade, deixou-se prender mais pelas laranjas compradas num mercado, cujo movimento, colorido e variedade o encantaram, descrevendo-os e aludindo, de forma impressiva, à arte de regatear, ao gosto dos orientais, que ali, com manifesto gozo, pôde presenciar (Smith 104-105).

Já em Coimbra, “Athens of Portugal” (a propósito do que citou Camões, reproduzindo uma estrofe do Canto III de *Os Lusíadas* em tradução inglesa de Mickle¹³²), o Reverendo e seu pai instalaram-se num hotel com vista para o “gently-flowing” Mondego, onde lhes foi (amplamente) servido um jantar “where the viands were good and the wine excellent” (Smith 107).

O que mais atraiu Smith em Coimbra foi a Universidade, que demoradamente visitou, aludindo à sua reputação e descrevendo o que viu, designadamente a Biblioteca: “a magnificent room, well proportioned, well filled with books, and furnished with the galleries requisite for reaching the upper shelves; and which also contained some twenty closets for quiet study, reminding us of our own Bodleian at Oxford” (Smith 110). Cativou-lhe também a atenção o Museu de História Natural, ficando, neste caso, desapontado por ter procurado ali, em vão, alguns exemplares de aves que esperava encontrar.

No que toca à arquitectura religiosa, visitou a Igreja e Convento de Santa Cruz, cuja fundação remonta ao século XII, louvando a sua imponente frontaria e, relativamente ao interior, considerou-o “remarkable”, não só pelos túmulos reais (ali repousam D. Afonso Henriques e D. Sancho I) mas também, por exemplo, pelo *coro alto*, o cadeiral admiravelmente trabalhado e os púlpitos. Refere que foram exibidas pelo guia, como os mais atractivos tesouros, relíquias contidas no sacrário: o dente de um santo, um pequeno osso ou pedaço de osso de outro, tudo etiquetado, como muitos espécimes de fósseis raros, e um pequeno quadro envidraçado que conteria relíquias de

¹³² William Julius Mickle (1734-1788), poeta escocês que traduziu, com grande sucesso e fama, *Os Lusíadas* de Luís de Camões: *The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem*. Oxford: Printed by Jackson and Lister, 1776.

cinquenta santos, tudo separado em compartimentos e rodeado por jóias de intrínseco valor, exibição que não entusiasmou Smith, como se depreende pelo modo como, com alguma ironia, descreve a cena (Smith 113-114).

Este fenómeno das relíquias, com a importância que em Portugal sempre lhe foi conferido, vem de um passado longínquo. Na verdade, refere-se na entrada “Santuários”, da autoria de Pedro Pentead, do *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, que as relíquias e as imagens sagradas eram bastante procuradas pelos fiéis, que tentavam tocá-las ou levar consigo pedaços delas, sendo, por isso, necessário resguardá-las. A sua presença reforçava a dignidade dos locais, atraindo muita gente, daí que fossem muito cobiçadas e, por vezes, objecto de furto, o que levava a que as autoridades políticas e religiosas as procurassem trasladar para as cidades metropolitanas, onde estariam mais seguras. Mas tal processo não era fácil, havendo resistência das populações. Foi, por exemplo, difícil a transladação, em 1173, das relíquias de São Vicente para Lisboa¹³³ (encontravam-se numa igreja que D. Afonso Henriques mandara erguer fora dos muros da cidade e, naquele ano de 1173, o rei proclamou S. Vicente padroeiro de Lisboa e mandou que as relíquias fossem colocadas na Sé¹³⁴). Dada a importância da sua posse, verificou-se uma multiplicação desmesurada das relíquias, fomentando falsificações, para além dos furtos. No Mosteiro de Alcobaça — pode ler-se na mesma entrada do *Dicionário de História Religiosa de Portugal* — foram inventariados, no início do século XVI, “pedaços do sepulcro de São Vicente, do braço de São Sebastião, ossos de São Lourenço e São Brás, um dedo com carne de mártir, dentes de São Bernardo e outras muitas relíquias do sepulcro de Lázaro e de santos cistercienses”.¹³⁵

Não admira por isso que, com base nesta tradição portuguesa, quem mostrou as relíquias (aliás, guardadas no sacrário) a Smith as colocasse em posição privilegiada em relação ao mais que havia para ver na Igreja de Santa Cruz, o que, pelos vistos, não teve o esperado eco no Reverendo, que deu maior valor a outros aspectos.

A Sé Velha foi vista por Smith como uma igreja fortificada (“Half church of God, half castle ‘gainst the Moor”, como lembra Neale no *Handbook for Travellers in Portugal*¹³⁶), remetendo, no que se refere a particularidades arquitectónicas, para aquele guia. Chama a atenção para o portal e a janela que o encima e sublinha que esta catedral

¹³³ Pentead, 2001: 169.

¹³⁴ Silva 32.

¹³⁵ Pentead, 2001: 170.

¹³⁶ Neale 103.

foi testemunha de muitos acontecimentos importantes que fazem parte dos anais de Portugal. Não se deteve, neste caso, em descrições do interior do templo.

A Nova Catedral (Sé Nova) também foi visitada pelo autor, mas sobre esta limitou-se a comentar: “Of the new cathedral, which we also visited, I need say nothing” (Smith 115), para além de elogiar o coro de dezasseis rapazes e homens que cantavam admiravelmente, estranhando, no entanto, não se encontrar nenhum fiel presente. Aproveitou para um desabafo: afinal a Inglaterra não era o único país onde escasseavam os frequentadores do serviço religioso diário nas catedrais. Lamentações de um reverendo... Um visitante de outro tipo, por certo, seria indiferente a um tal pormenor e fixar-se-ia, tão-só, na excelência do canto (Smith 115).

Quando, depois de visitar a Sé Nova, deambulava por Coimbra, foi surpreendido por uma forte chuvada, abrigando-se no mercado da fruta. E, se fora parco em palavras no que se refere à Sé Velha e à Sé Nova, como se dele se tivesse apoderado o cansaço de descrever igrejas, ocupou-se agora, longamente e com manifesto prazer, a falar das laranjas e nêspas — “pleasant to the taste, and very refreshing” (Smith 116) — que ali descobriu.

A finalizar o capítulo sobre Coimbra, disse que seria imperdoável omitir a referência ao Convento de Santa Clara e à Quinta das Lágrimas, que avistava da janela do “Hotel Lopez”, onde estava instalado. Lembrando D. Pedro e a sua desafortunada noiva Inês de Castro, cujos monumentos vira em Alcobaça, menciona também Camões e, como não podia deixar de ser, o indispensável *Handbook for Travellers in Portugal* (Smith 116), no qual, depois da descrição da famosa tragédia, se cita o poeta: “Estavas, linda Inês, posta em sossego [...]”.¹³⁷ Uma boa maneira de dizer adeus a Coimbra por um viajante eventualmente cansado, naquela altura, de descrever monumentos.

e) Porto: com vista para as procissões

No Porto, o Reverendo visitou a Torre dos Clérigos, a qual, considerando que exercia uma atracção magnética, parecia melhor quando vista de longe, pela sua graça e elegância, mas, quando observada mais de perto (Smith 123), se afigurava pesada. Smith esteve, em seguida, na Igreja Inglesa do Porto, que, como se disse, lhe agradou mais do que a de Lisboa (Smith 123).

¹³⁷ *Ibid.* 109.

No dia seguinte ao da sua chegada – um Domingo – foi o autor surpreendido por uma procissão. Refere que havia várias ruas adornadas com faixas e pendiam das janelas tapeçarias, bandeiras e carpetes. Ouvia-se, ao longe, uma banda e o princípio da procissão apareceu. A rua estava pejada, de cada lado, de espectadores. No entanto, não pareciam muito concentrados na cena, visto que se tratava de ocorrência frequente no Porto. Mas, para olhos pouco acostumados, como os do Reverendo e seu pai, tratava-se da mais estranha e fantástica procissão que alguma vez tinham visto e que o autor descreveu detalhadamente (Smith 120-122): à frente vinha o portador da cruz, com os seus acompanhantes, todos vestidos de branco; em seguida, um grande número de homens com opas vermelhas de seda, cada um trazendo um grande círio e formando duas linhas, deixando um grande espaço no meio, dentro do qual vinha uma rapariguinha vestida com o mais extraordinário traje que se possa conceber; após alguns intervalos, outra criança e outra e mais outra, até ao número de dez ou doze. Revela o autor que a descrição dos respectivos trajes ia largamente para além das suas faculdades, podendo dizer, em geral, que os principais materiais eram sedas alegremente coloridas, enfeitadas com renda, com certas substâncias rígidas atadas na cintura, vestidos de roda, asas presas nos ombros, toda a espécie de joalharia barata, enormes arrecadas pendendo das orelhas, grandes colares à volta do pescoço, pulseiras apertando os pulsos e os dedos completamente cobertos de todo o tipo de anéis. Cada uma das meninas segurava nas mãos um símbolo ou objecto: uma trazia uma pomba; outra, uma cruz; a terceira, um cálice; a quarta, uma coroa; a quinta, uma cesta de flores; outra, espigas de trigo. As suas idades variavam entre os cinco e os dez anos.

Comenta o Reverendo que seria difícil evitar um sorriso — que, ponderou, até seria deslocado naquela cena solene — ao ser-lhe dito que estas admiráveis crianças representavam anjos. E acrescenta:

For, indeed, the yellow, red, and blue dresses, their peculiar shape, arranged for the most startling effect, the wings, the head-dresses, and above all, the prodigious display of colossal jewellery, did seem a most marvellous method of representing the blessed inhabitants of heaven. (Smith 121)

Continuando a descrição, Smith refere que as ruas se encontravam atapetadas de folhagem verde e de ramos e, dado que a procissão passava por várias ruas, algumas das crianças mais pequenas mostravam-se, com evidência, cansadas, dificilmente podendo suportar os atavios que tinham de transportar, ou fazer passar os seus pequenos pés por

sobre os incómodos ramos. Daí que, de tempos a tempos, tivessem que ser ajudadas pelos homens das opas escarlates. Chegou, depois, a essência (o elemento central) da procissão, de que as crianças eram a guarda avançada: a Hóstia (o Santíssimo Sacramento), transportada por padres, sob um deslumbrante pálio, e, quando surgia à vista, os que passavam, ainda que em ruas distantes, descobriam a cabeça e os mais próximos ajoelhavam sobre o pavimento. Um completo regimento de soldados seguia atrás e fechava a procissão. Ao mesmo tempo, uma banda militar tocava uma inspirada peça e, em vários pontos em que o *cortège* passava, rebentavam foguetes e os sinos das igrejas repicavam alegremente (Smith 121). Tratar-se-ia, por certo, da procissão do Corpo de Deus, a que Smith diz ter assistido também em outros países, mas com menos pompa, acontecendo no Porto, frequentemente, cortejos realizados com um aparato cénico levado ao extremo, como raramente se via noutros lados.

Conforme já se referiu, os aspectos exóticos ou pitorescos patentes nas manifestações religiosas despertavam grande interesse nos viajantes ingleses, podendo também dar origem a críticas. E isso verifica-se neste caso, perante a descrição feita por Smith, quando se refere, por exemplo, à participação na procissão das crianças vestidas de anjos, com todo o conjunto de adereços que se empenhou em descrever, deixando ao mesmo tempo perpassar, com a elegância que o caracteriza, um reparo, quando alude à sujeição de crianças entre os cinco e os dez anos a uma procissão tão longa e cansativa.

Uma procissão — lê-se no *Dicionário de História Religiosa de Portugal* — “é uma forma pública, mais ou menos solene, de louvor, súplica, penitência ou agradecimento, dirigida a Deus directamente através de Cristo, ou indirectamente através da Virgem Maria ou dos santos”.¹³⁸ Mais concretamente: as procissões, conforme é referido na mesma obra, estão ligadas, no seu começo, a fenómenos como o da trasladação das relíquias dos mártires e, na sequência do Concílio de Trento (1545-1563), relacionadas, entre o mais, com a afirmação, visível, de aspectos devocionais e organizacionais, questionados pelas vagas protestantes centro-europeias; obedecendo, ao longo dos tempos a determinadas regras, como a separação, nos préstitos, entre os eclesiásticos e os leigos, ou a diferenciação entre os fiéis, através de uma ordem de precedências (com reflexo das posições ou cargos sociais ou em representação de instituições), ou de separação entre elementos masculinos e femininos, com predominância masculina, por exemplo no que respeita ao transporte do pálio, que,

¹³⁸ Gouveia 67.

mesmo no século XX, sempre foi feito por homens.¹³⁹ Mantém-se a procissão, nos tempos actuais, como momento solene, verificando-se que muitos homens “nas zonas rurais, quando a procissão passa, continuam a tirar o chapéu perante o pátio, sobretudo quando aí é levada a hóstia consagrada”,¹⁴⁰ importando sublinhar o costume do arranjo festivo, com a exposição de colchas nas janelas ou a feitura de um tapete de flores nas ruas, sobre o qual passava (e passa) o Santíssimo Sacramento, bem como a presença de bandas filarmónicas ou fanfarras militares ou (hoje), ainda, de bombeiros.¹⁴¹ A procissão assume-se, assim, como a representação dos poderes: o de Deus, o da Igreja e o da sociedade (concelho, reino ou República), estes aferíveis pela maior ou menor proximidade do pátio,¹⁴² caracterizada pela presença de confrarias e pelo transporte de objectos de oferta aos Santos ou à Virgem Maria.¹⁴³

Smith teve o cuidado de anotar algumas destas características, como o hábito de os homens se descobrirem ou de haver quem se ajoelhasse à passagem do pátio, aludindo também aos objectos que as crianças transportavam, o que se configura como um registo de carácter religioso e antropológico, importante não só para os que, depois dele, tendo lido a sua obra, demandaram Portugal, como para os próprios portugueses que, através destes relatos, podem surpreender a visão que outros tinham dos nossos costumes, para além de se estar perante um testemunho (objectivo) do passado.

Aquando da visita que fez a Viana do Castelo, após, a partir de Ponte de Lima, descer de barco o rio Lima (assinalando que era conhecido pelos romanos como o Letes da Lusitânia), numa aventura vivida no “beautiful Minho” que narra com entusiasmo e minúcia, fez referência a uma seca de sete meses que assolou o país e aproveitou para dizer que eram feitas procissões e realizadas orações nas igrejas de Lisboa e Porto a pedir chuva (Smith 158). Esse sempre foi, na verdade, um dos motivos da realização de procissões.

Vários outros viajantes-escritores se referiram a procissões ou romarias, constituindo este um tópico recorrente nos relatos britânicos sobre Portugal quando o assunto é religião. Cox Macro faz menção a algumas procissões da Semana Santa, às quais assistiu em Lisboa, uma, na noite de Quinta-feira Santa, em que várias pessoas se arrastavam pelo chão puxando correntes ou avançando de joelhos; outra, na Sexta-Feira

¹³⁹ *Ibid.* 67.

¹⁴⁰ *Ibid.* 68.

¹⁴¹ *Ibid.* 68-69.

¹⁴² *Ibid.* 72.

¹⁴³ *Ibid.* 67 e 71.

Santa, na qual participavam 200 chicoteadores, que se chicoteavam a si próprios, e penitentes com cilícios, havendo, ao longo da procissão, representações da Paixão. É de salientar, no caso deste relato, que o mais puro macabro nele impera.¹⁴⁴

Costigan, por sua vez, alude a uma procissão, chamada *Procissão do Desagravo* por ter havido um assalto a uma igreja, após o qual hóstias consagradas ficaram espalhadas pelo chão. A rainha (D. Maria I) considerou que tudo o que acontecera de mau no reinado do pai (D. José I), como o terramoto, a expulsão dos jesuítas e a guerra que se seguiu, não se comparava ao insulto feito ao Corpo do Salvador. Daí ter decretado um luto de nove dias e promovido uma procissão, na qual participou juntamente com a corte. Comenta, acidamente, Costigan: “[...] como se houvesse alguma ligação entre o Todo-Poderoso e onnipotente criador do universo e uma hóstia”. Em seguida, refere que tal representava uma “desprezível noção da Divindade”, como se se tratasse de um cruel e caprichoso tirano que fosse necessário apaziguar com aquelas cerimónias.¹⁴⁵

Beckford também assistiu a uma procissão do Corpo de Deus em Lisboa, registando, a dado passo, num tom muito diverso do de Smith, que: “Bandos de frades macilentos, de hábitos brancos, pardos e negros, perpassavam, continuamente, como se fossem perus a caminho do mercado. Esta parte da procissão era muito morosa e enfadonha”.¹⁴⁶

Southey, nas suas *Letters*, fez menção à romaria de Nossa Senhora da Atalaia, cuja imagem, segundo a lenda, foi encontrada no cimo de uma árvore, passando esta a destilar um bálsamo miraculoso¹⁴⁷ (tratando-se de uma tradição do Montijo que remonta ao século XV e que sempre atraiu muita gente à festa que ali se realiza).¹⁴⁸ Assistiu, ainda, a uma procissão do Senhor dos Passos, em Lisboa, com cerca de dez santos carregados às costas, precedidos por um Crucifixo, surgindo alguns rapazes, com asas de prata, a abrir a procissão, que era fechada pela Hóstia, transportada, como habitualmente, debaixo de um pálio purpúreo. Refere Southey, ainda, que as imagens eram transportadas por homens com a cara coberta e os pés descalços, que tinham,

¹⁴⁴ Cox e Macro 315-316.

¹⁴⁵ Costigan, Vol. II: 158-159.

¹⁴⁶ Beckford, 1988: 53.

¹⁴⁷ Southey 258-259.

¹⁴⁸ Ver Dias.

formalmente, o ofício de penitentes. Acrescenta, no entanto, que a mais recente geração era menos fanática, passando os frades a ser obrigados a contratar carregadores.¹⁴⁹

Fortunato de Almeida refere que ainda em meados do século XIX havia práticas impróprias da solenidade do acto em procissões que tinham lugar em muitas terras do país, o que sucedia principalmente na Quaresma e na Semana Santa, pois, apesar de providências anteriormente adoptadas pelos prelados e pela autoridade secular, faziam-se exhibições grotescas, que muito prejudicavam a pureza e seriedade do culto. Por esse motivo, em 23 de Abril de 1859, foi enviada aos prelados uma resolução régia, na qual se lhes ordenava que atalhassem semelhantes abusos, proibindo a realização de qualquer procissão ou romaria sem prévia apresentação do programa ao respectivo prelado, para que este a autorizasse por escrito. Em 1888, o Bispo do Algarve chamou a atenção para a proibição que havia de se representarem quadros bíblicos ao vivo, permitindo apenas que se incorporassem crianças vestidas de anjos.¹⁵⁰ Smith não foi confrontado com cenas mais ou menos macabras, como as que foram relatadas pelos viajantes anteriormente aludidos. Outros eram já os tempos.

No que se refere às igrejas do Porto, quase nenhum espaço dedicou à sua descrição. Destacou, relativamente à catedral, os claustros e o altar-mor com a sua talha dourada, e chamou ainda a atenção para a Igreja de São Francisco, entendendo que valia a pena ser visitada (Smith 122).

Fez referência mais prolongada ao Mosteiro da Serra do Pilar, que apodou de “rich and splendid monastery”, explicando, em alusão às ruínas de então, que ficara naquele estado devido a um ataque das tropas miguelistas. Não deixou também de louvar a magnífica vista que se pode usufruir dos terraços e jardins circundantes (Smith 126). Lembre-se que a igreja e o claustro são de planta circular, sendo este último “um caso único entre os claustros portugueses, marcando uma viragem nesta tipologia, na arquitectura portuguesa”.¹⁵¹ O Mosteiro da Serra do Pilar haveria de sofrer obras de reconstrução, tendo sido classificado, em 1996, como Património Mundial da Unesco.

¹⁴⁹ Southey 390-391.

¹⁵⁰ Almeida, Vol. III: 457.

¹⁵¹ Pinto, Meireles e Cambotas, 2010: 150-151.

f) Braga e Bom Jesus do Monte: um santuário aquém do esperado

Em Braga, o Reverendo e seu pai fizeram a peregrinação, a pé (ainda não havia o elevador, que foi inaugurado em 1882), até ao Santuário do Bom Jesus do Monte, distante — informa-se no livro — uma légua de Braga e situado no topo de uma colina (Monte Espinho), dando o autor conta da importância que tinha este santuário para os peregrinos portugueses, à semelhança, por exemplo, do que sucedia com Santiago de Compostela para os espanhóis (estava-se, então, longe do fenómeno de Fátima). Refere ter sido declarado que nenhum português poderia morrer em paz sem visitar este santuário. Mas Smith não terá dado por frutuoso o esforço da caminhada, já que ficou fortemente desapontado com o santuário quando confrontou o que viu com o muito que tinha ouvido dizer sobre a elaboração das estações e as representações, em figuras de madeira pintada, em tamanho real, das cenas da Paixão do Senhor:

[...] but when, after a hot and dusty walk, we reached this highly extolled sanctuary, whose merits the natives never cease to praise with rapturous enthusiasm, we were as much surprised as disappointed to find such wretched caricatures of the holy scenes as were positively grotesque, and, but for the reverence shown towards them by the people, would be perfectly ridiculous. (Smith 144)

A Smith pareceu inconcebível que, no meio de tão bem construídas capelas, escadarias e fontes, surgissem aquelas “paltry figures” (Smith 145), à vista das quais, apesar da intenção da solenidade das cenas, seria quase impossível reprimir um sorriso. O autor comparou as representações do santuário com locais similares de outros países, como o Sacro Monte de Varallo, Piemonte, Itália, onde as figuras não são apenas bem modeladas, como são verdadeiras obras de arte, ficando o Bom Jesus do Monte a perder.

Do texto de Smith extrai-se a reflexão sobre a tensão entre o fervor religioso e o entusiasmo do povo (com uma cultura artística limitada) perante tais representações, que emocionam os fiéis, e o olhar de quem está munido de conhecimentos que lhe permitem, de modo objectivo, concluir pela duvidosa valia, artisticamente falando, daquelas. E, assim, o viajante ou omite a sua opinião, ou, exprimindo-a, corre o risco de ferir susceptibilidades ou sentimentos. Smith optou pela segunda posição, ou seja, por verter para o papel o que verdadeiramente pensava sobre aquelas representações, não se cingindo ao modo como a estatuária se encontra moldada, mas também à própria

disposição das cenas da Paixão, enquanto mensagem apreensível e eficaz, tendo em vista a aprendizagem do que está contido na Sagrada Escritura.

A propósito, atribui a Portugal o papel de pioneiro na representação dramática do sagrado através dos *mistérios* ou *milagres*, fazendo uma alusão directa aos autos de Gil Vicente, autor sobre o qual não fornece dados adicionais, ou pelo menos um enquadramento cronológico que pudesse esclarecer melhor, e mais acertadamente, os seus leitores. Identifica, contudo, em notas de rodapé, as fontes onde colheu tal informação (Smith 150), o que mostra um esforço de rigor:

[...] for, first of all nations to introduce the sacred mystery or miracle play was Portugal. Spain very early followed eagerly in the wake, and very soon these rude dramatic representations became popular throughout Europe; but the honour, if honour it be, is due to one Gil Vicente, a Portuguese, who by his *autos* or spiritual dramas, totally unlike any regular plays, and very rude both in design and execution, led the way to the mysteries which prevailed to so great an extent, were so liable to degenerate into profanity, and were in consequence so often proscribed during the fifteenth and sixteenth centuries. (Smith 150)

Mostrou-se, apesar de tudo, recompensado pela formidável vista de que ia usufruindo à medida que subia em direcção à igreja, a que as capelas conduziam (o lenitivo das paisagens portuguesas, mesmo quando o resto fica aquém do esperado):

It was, indeed, an exceedingly noble prospect, for beyond the wooded hills towards the north and east, we now for the first time saw the lofty and rugged mountains of Gerez, which are allowed to form the wildest, the most inaccessible, and the most romantic portion of the kingdom. (Smith 151)

Neale, no *Handbook for Travellers in Portugal*, também fez alusão à magnífica vista para o Gerês, ao mesmo tempo que acentuou que a peregrinação ao Bom Jesus “is one of the most remarkable spots in the N. of Portugal”.¹⁵²

Kinsey, que descreveu as várias capelas, referiu, a dada altura, expressando um ponto de vista mais favorável do que o de Smith, que as representações sagradas nelas contidas estavam longe de ser grotescas. Embora achando que o estilo em que foram executadas não era de grande mérito, considerou, no entanto, que serviam para trazer à mente do devoto imagens vívidas daquela série horrível de acontecimentos, capazes de deixarem uma impressão mais forte do que a resultante de muitos discursos sobre o

¹⁵² Neale 145.

assunto;¹⁵³ o que levou Isabel Oliveira Martins a comentar que, para “um digno representante da Igreja Anglicana era talvez demais, mas supomos que, mais uma vez, o protestante cedeu lugar ao viajante que descobre algo de novo e diferente”.¹⁵⁴

Lady Jackson, a propósito deste santuário, aludiu a “figuras toscas de pau do tamanho natural, em grupos, representando cenas da Paixão do Senhor, desde a traição da última ceia até à Crucificação e Ascensão”. Considerou os oratórios curiosíssimos, “como convém que sejam, para que os augustos sucessos que representam impressionem os brutos espíritos da classe que frequenta a *romaria*; ainda assim, pareceram-me tristíssima caricatura de coisas sagradas e divinas”.¹⁵⁵ Ou seja, não teve em grande conta nem as imagens nem o povo que as visita.

Importa registar que um santuário é, como se lê no *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, “o templo ou lugar sagrado, ponto de confluência de peregrinações, no qual se veneram, com particular devoção, relíquias ou imagens de santos, da Virgem ou de Cristo”, havendo, consoante a figura principal a que se presta culto, santuários marianos, cristológicos ou de santos.¹⁵⁶ Não é indiferente a escolha dos locais para a sua construção, pois factores como as alturas ou o deslumbramento paisagístico predispõem para o sagrado. Razões dessa ordem verificam-se precisamente no caso do Santuário do Bom Jesus de Braga, o qual, de origens remotas (assinaladas pela Ermida de Santa Cruz, já existente em 1373), se assume como o mais importante santuário cristológico, tendo sofrido alterações arquitectónicas ao longo dos tempos, como as que tiveram lugar, a partir de 1721, segundo o modelo dos sacros-montes italianos.¹⁵⁷ Mas este santuário que, como se refere em *Lugares Sagrados de Portugal I*, em determinada fase conteve, mescladas com as restantes, figuras mitológicas pagãs, cuja substituição foi imposta pela Real Mesa Censória (ocorrendo a renomeação dessas figuras), transcende o ideário convencional de um sacro-monte típico,¹⁵⁸

[...] apresentando características absolutamente excepcionais. Para além de peregrinação aos lugares santos de Jerusalém, o escadório sugere uma ascese interior, de sabor gnóstico, que visa

¹⁵³ Kinsey 294-295.

¹⁵⁴ Martins 100.

¹⁵⁵ Jackson 192.

¹⁵⁶ Penteado, 2001:164.

¹⁵⁷ *Ibid.* 167-169.

¹⁵⁸ Cf. Legora, Lamarque e Sabbadini 787.

alcançar a Jerusalém celeste, o reino de perfeição espiritual onde o Bom Jesus é aclamado como Príncipe Universal.¹⁵⁹

Smith terá sido, no caso do Bom Jesus de Braga, algo rigoroso na apreciação da imaginária, cuja beleza, não sendo consensual, pelo menos no que concerne a algumas peças é consabidamente conforme à piedade popular, tratando-se de um conjunto (envolvendo os vários elementos) conhecido em todo o mundo e apresentando “uma complexidade maior do que a que se pode supor por uma simples observação imediata”,¹⁶⁰ mas foi, mais uma vez, fiel à sua honestidade intelectual, afastando-se aqui do *Handbook for Travellers in Portugal*, o que define o perfil independente deste viajante.

Smith, depois de Braga, passou por Ponte de Lima e Viana do Castelo, descendo o rio Lima, como já se referiu, e transitou, ainda, por Barcelos e Famalicão, voltando ao Porto, onde combinara, com o seu anfitrião nesta cidade, pregar, na manhã de um Domingo, um sermão na Igreja Inglesa (Smith 163 e 167), sendo este o seu último acto relevante em Portugal. Terá, na sua prédica, agradecido a Deus os bons tempos passados em Portugal? Isso é coisa que já não sabemos.

¹⁵⁹ Sousa, Vol. I, 2016: 58.

¹⁶⁰ Pereira 724.

CONCLUSÃO

Durante dois meses, no ano de 1868, Alfred Charles Smith calcorreou Portugal, utilizando vários meios de transporte, como comprova o quadro das despesas que inclui quase no final do prefácio e no qual encontramos os custos relativos ao vapor em que o autor e o seu pai fizeram a travessia entre a Inglaterra e Portugal, acrescentados das quantias gastas durante a viagem pelo país — “Journeying through the country, by rail, diligence, mule, or boat” (Smith xiv). Nada os deteve, nem mesmo o facto de andarem carregados com o equipamento necessário à observação de aves, ou o material fotográfico, por certo pesado e volumoso, longe da leveza e tamanho do actual. Grande era o seu afã de conhecer, sob várias vertentes, este “sunny little kingdom” (Smith xv) que, passados alguns anos, deixaria de ser uma monarquia para passar a ser uma república, evolução que, entre outras razões, foi influenciada por um acto da Grã-Bretanha — o Ultimato que em 11 de Janeiro de 1890 o governo britânico, presidido por *Lord* Salisbury, apresentou a Portugal, relacionado com as pretensões territoriais em África, tendo o governo português cedido às suas exigências, o que provocou grande indignação e comoção pública ao ser entendido como uma humilhação infligida pela velha aliada Inglaterra a Portugal.

O facto de se tratar de um clérigo anglicano em terra de católicos não impediu Smith de ter uma visão desapassionada, bastante isenta, acerca do que teve ocasião de observar. Os seus reparos sobre esta ou aquela matéria não foram ostensivamente marcados pela circunstância de a sua orientação religiosa ser diferente da do país que visitava, nem por um passado recente, que não podia deixar de conhecer, de intolerância, entre nós, em relação a tudo o que fosse “protestantismo” (englobando as formas de religiosidade alternativas à católica romana). A postura deste viajante surge, logo no início, catalogada pelo próprio (como já atrás se referiu): “to associate with the natives, and to cultivate the society of John Bull exclusively at home” (Smith xiii). Sublinhe-se a referência feita pelo autor à figura que personifica a Inglaterra e os ingleses desde o início do século XVIII — John Bull —, estereótipo¹⁶¹ nacional que tantas vezes é referido e caricaturado nas letras portuguesas de Oitocentos,

¹⁶¹ Note-se que os estereótipos são, como diz Maria João Simões, “construtos psicológicos gerados por crenças partilhadas” e que muitas vezes possuem conotações negativas. Cf. Simões 31.

frequentemente em tom jocoso ou satírico, muito em especial por ocasião do acima referido Ultimato de 1890.¹⁶²

O que ressalta, de um modo geral, da obra em apreço, *Narrative of a Spring Tour in Portugal*, é o entusiasmo ou, nalguns casos, deslumbramento mesmo, em relação a alguns dos monumentos que visitou, traduzido numa linguagem viva, enfática, ora manifestando assombro perante a grandeza do que via, ora fixando-se em pormenores preciosos. Mas não se ficou pelos monumentos, como se sabe, pois no seu relato coube tudo, como as paisagens, as feiras, com todo o colorido ou sabor dos produtos, os pregões ou o simples acto de regatear, ou seja, aquilo que, naturalmente, se apresentou como diferente do que se verificava no país de onde provinha; sem falar da sua paixão pelas aves, fazendo de Alfred Charles Smith, no dizer de Nuno Oliveira, o pioneiro do turismo ornitológico em Portugal, o que implica, forçosamente, uma especial abertura à natureza, um demorado olhar sobre os campos, envolvendo, assim, uma dimensão ecológica digna de realce, sobretudo se se tiver em conta que a viagem foi feita em 1868. Trata-se esta de uma vertente que mereceria desenvolvimento à parte, com potencialidades de sustentar um futuro trabalho, articulando-a com a forte presença que o mundo natural teve na literatura inglesa do Romantismo e a consciência ecológica que com os poetas românticos ingleses se começou a acentuar nas letras de além-Mancha.

Evidentemente que no desenvolvimento do tema escolhido para o presente trabalho (a religião) não foram esgotadas, no exercício de descrição e análise a que se procedeu, todas as vias abertas pelo texto de Smith. No que à comparação com outros viajantes-autores diz respeito, por exemplo, muitas outras narrativas de viagens feitas por lazer e vontade de conhecer o mundo poderiam ter sido consideradas; ou relatos resultantes de deslocações a Portugal com um fim específico, nomeadamente em missão militar e até religiosa. Tal é o caso do agente da Bible Society, George Borrow (1803-1881), autor da obra *The Bible in Spain, or The Journeys, Adventures, and Imprisonments of an Englishman, in an Attempt to Circulate the Scriptures in the Peninsula* (London, 1843),¹⁶³ em cujo prefácio Borrow se apresenta como “I am no tourist, no writer of books of travels”. Contudo, apesar de ter passado por Portugal em

¹⁶² Sobre este assunto, ver: Medina.

¹⁶³ Sobre a passagem deste viajante por Portugal, ver: *George Borrow em Portugal — 1835*. Introdução e notas de António Ventura. Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

1835, a caminho de Espanha, onde se estabeleceria durante cinco anos, o grosso da obra diz respeito ao nosso país vizinho. Ainda assim, um estudo posterior, que dê continuidade ao que aqui se apresenta, poderá vir a explorar este texto, em que os tópicos tratados vão, aliás, muito para além dos puramente religiosos; o mesmo se pode afirmar em relação ao Reverendo William Bradford (1780-1857), capelão do exército britânico em Portugal durante a Guerra Peninsular, e que em 1809 deu à estampa *Sketches of the Country, Character, and Costume, in Portugal and Spain, made during the campaign, and on the route of the British army, in 1808 and 1809. Engraved and coloured from the drawings by the Rev. William Bradford, A.B. of St. John's College, Oxford, Chaplain of Brigade to the Expedition. With incidental illustration, & appropriate descriptions, of each subject*, uma obra que vale sobretudo pelas belíssimas gravuras que inclui.

Mesmo em relação às narrativas de viagens contempladas nesta dissertação com intuítos comparativos muito mais se poderia dizer acerca das hetero-imagens projectadas — designadamente no que respeita à visão, dura e sem rodeios, em algumas delas, sobre os vícios do clero português —, ou das abundantes manifestações de arrogância dos ingleses relativamente a um povo de costumes tidos por exóticos ou bárbaros, num país esquecido num canto da Europa. Não se deve perder de vista, como já foi dito atrás, que a investigação imagológica se pode debruçar sobre hetero-imagens e auto-imagens, encontrando-se ambos os tipos de “construções” intimamente relacionadas: “A autoimagem refere-se à imagem que um faz de si mesmo e a heteroimagem designa a imagem que esse um faz dos outros ou a imagem que os outros fazem desse um. No entanto, tais conceitos não são desvinculados um do outro como possa parecer, ao contrário, coexistem, mantendo relações assaz intrincadas”.¹⁶⁴

Procurou-se, sobretudo, manter o foco na pergunta de investigação que a que se pretendeu dar resposta — como representou Alfred Charles Smith a religiosidade portuguesa em *Narrative of a Spring Tour in Portugal* — e as comparações estabelecidas dependeram dos tópicos focados por aquele clérigo, numa busca de analogias, contrastes ou complementação de informação. Os limites da dissertação não permitiram um tratamento mais extenso do tema em análise.

Nos estrangeiros que leram *Narrative of a Spring Tour in Portugal* poderá ter nascido o desejo de também visitarem Portugal, mas um livro desta natureza serve

¹⁶⁴ Sousa, 2004: 105.

igualmente para chamar a atenção dos próprios portugueses para matérias que, tantas vezes, ignoram, ou para os levar a questionar a ordem de importância das coisas, pois quem vem de fora (para mais se se trata de alguém cuja cultura e cujo conhecimento mais alargado do mundo permitem estabelecer comparações profícuas e informadas com outras realidades), não raro, realça o que os locais colocam em segundo plano e que a proximidade não deixa apreciar devidamente (o belo, o sublime, às vezes, estão bem perto da nossa porta, sem que demos por eles), não conferindo, ao mesmo tempo, grande destaque a realidades que, por razões de tradição ou educação, por aqueles são postas no topo das suas preferências.

Espera-se que Alfred Charles Smith, que está longe de gozar da fama de outros ingleses que nos visitaram, passe a receber mais atenção no contexto das narrativas de viagem britânicas sobre Portugal, o que, até à data, ainda não tinha sucedido; merece-o pelo manifesto interesse da obra em causa, em especial do ponto de vista da ornitologia, a reclamar uma mais alargada e especializada leitura, e também pelos elogios que teceu ao carácter dos portugueses, às suas riquezas naturais em termos de fauna e flora, de grande interesse científico, e ao património histórico e religioso, encómios esses repetidos na conclusão da obra quando, em jeito de resumo, repete o convite já feito no prefácio e recomenda aos seus leitores que visitem o país geograficamente próximo, e de fácil acesso, com o qual a Inglaterra mantinha uma secular aliança, mas que permanecia largamente desconhecido do outro lado da Mancha — situação que ingleses nossos contemporâneos ainda hoje afirmam não se ter alterado, como faz o jornalista Barry Hatton em *The Portuguese: A Modern History*, obra publicada em 2011, onde se lê: “As a Lisbon-based foreign correspondent for more than two decades I have written thousands of articles about Portugal but I am forced to acknowledge — it feels like a rebuke — that this country remains little-known abroad, even in the rest of Europe, even in Spain” (Hatton vii). Concluamos com as palavras de Smith e a sua promoção turística de Portugal, com um interesse renovado se se pensar que hoje este país ocupa os lugares cimeiros entre os destinos mais procurados do mundo:

And, as a last word, let me heartily recommend, not only to tourists generally, but especially to my brother Ornithologists, a trip to that same extreme south-western corner of Europe, now so accessible both by land and sea, and which offers so various and so many attractions, — a warm and dry climate to the health-seeker; unrivalled ecclesiastical and conventual remains, of a unique character, to the ecclesiologist and the architect; beautiful scenery to the artist; and novel customs, amidst an obliging and hospitable people to the general tourist; while to the naturalist in

every branch, the geologist, the botanist, the entomologist, the zoologist generally, there is a rich harvest of facts to be reaped in a field which, though so near our shores, and now so easy of access, is, perhaps, less known to the travelling public than any other region of Europe. (Smith 216)

BIBLIOGRAFIA

Primária

Smith, Alfred Charles. *Narrative of a Spring Tour in Portugal*. London: Longmans, Green, and Co., 1870.

Secundária

AA.VV. *Piedade Popular: Sociabilidades – Representações – Espiritualidades: Actas do Colóquio Internacional*. Lisboa: Terramar, 1999.

Adrião, Vítor Manuel. “Mistérios de Lisboa, lendas e factos- Cemitério dos ingleses, a Inglaterra dentro de Lisboa” (7 de Janeiro de 2014).

<<https://lusophia.wordpress.com/2014/01/07/misterios-de-lisboa-lendas-e-factos-por-vitor-manuel-adriao/>>

Aguiã, Simão Pedro de. “Imaculada Conceição: Padroeira e Rainha de Portugal”. A *Virgem Maria Padroeira e Rainha de Portugal e de Todos os Povos de Língua Portuguesa*. Saint-Laurent, Cónego Thomas e Simão Pedro de Aguiã. Porto: Civilização Editora, 1996. 106-130.

Almeida, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal*. Nova edição, preparada e dirigida por Damião Peres. 4 vols. Porto: Portucalense Editora, 1967-1971.

Azevedo, Carlos Moreira (dir.). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. 4 vols. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001.

--- (dir.). *História Religiosa de Portugal*. 3 Vols. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2002.

Baillie, Marianne. *Lisboa nos anos de 1821, 1822 e 1823*. Tradução e introdução de Albano Nogueira. 2 vols. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002. [Original inglês: *Lisbon in the Years of 1821, 1822 and 1823*. In two volumes. London: John Murray, 1824].

Beckford, William. *Alcobaça e Batalha — Recordações de Viagem*. Tradução de Iva Delgado e Frederico Rosa. Lisboa: Vega, 1997. [Original inglês: *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha, by William Beckford, with his Original Journal of 1794, and Introduction and Notes by Boyd Alexander*. Fontwell: Centaur Press, 1972; *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha*. London: Richard Bentley, 1835].

---. *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*. Tradução de João Gaspar Simões. 3ª ed. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1988. [Original inglês: *The Journal of William Beckford in Portugal and Spain 1787-1788*. London: Rupert Hart-Davis, 1954].

Beller, Manfred and Joep Leerssen (eds.). *Imagology. The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters: A Critical Survey*. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007.

Bethencourt, Francisco. "Inquisição". *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000a. 447-453.

---. "Rejeições e Polêmicas". *História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000b. 49-93.

Blanton, Casey. *Travel Writing: The Self and the World*. New York and London: Routledge, 2002.

Borm, Jan. "Defining Travel: On the Travel Book, Travel Writing and Terminology". *Perspectives on Travel Writing*. Edited by Glenn Hooper and Tim Youngs. Aldershot, England and Burlington, Vermont, USA: Ashgate, 2004. 13-26.

Borrow, George. *The Bible in Spain or The Journeys, Adventures, and Imprisonments of an Englishman, in an Attempt to Circulate the Scriptures in the Peninsula. In three volumes*. London: John Murray, 1843.

---. *George Borrow em Portugal — 1835*. Introdução e notas de António Ventura. Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

Bradford, William. *Sketches of the Country, Character, and Costume, in Portugal and Spain, made during the campaign, and on the route of the British army, in 1808 and 1809. Engraved and coloured from the drawings by the Rev. William Bradford, A.B. of St. John's College, Oxford, Chaplain of Brigade to the Expedition. With incidental illustration, & appropriate descriptions, of each subject*. London: Printed for John Booth, 1809.

Campbell, Mary Baine. "Travel writing and its theory". *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Edited by Peter Hulme and Tim Youngs. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 261-278.

Carmo, Octávio. "Católicos e Anglicanos chegam a acordo sobre a figura de Maria". *Agência Ecclesia* (17 de Maio de 2005).
<<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/catolicos-e-anglicanos-chegam-a-acordo-sobre-a-figura-de-maria/>>

Castanheira, Maria Zulmira. "Portugal: uma barbárie de pitorescas paisagens". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 3 (1994). 31-73.

---. "Robert Southey, o primeiro lusófilo inglês". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 5 (1996). 59-120.

Castro, Catarina Crespo Coelho Correia de. *Um livro negro sobre o Portugal do século XVIII*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

Chatwin, Bruce. "The Making of a Writer; I Always Wanted to Go to Patagonia". *The New York Times on the Web* (February 27, 1983).
<<https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/00/03/19/specials/chatwin-writer.html>>

Costigan, Arthur William (pseud.). *Cartas sobre a Sociedade e os Costumes de Portugal 1778-1779*. Tradução, prefácio e notas de Augusto Reis Machado. 2 Vols. Lisboa: Lisóptima Edições, 1989. [Original inglês: *Sketches of Society and Manners in Portugal. In a Series of Letters from Arthur William Costigan, Esq. Late a Captain of the Irish Brigade in the Service of Spain, to his Brother in London*. 2 vols. London: T. Vernor, 1787].

Cox, Thomas & Cox Macro. *Relação do Reino de Portugal: 1701*. Coord. de Maria Leonor Machado de Sousa. Tradução de Maria João da Rocha Afonso. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2007.

Cristóvão, Fernando (coord.). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina/CLEPUL, 2002.

Dias, Maria Balseiro. “O culto a Nossa Senhora da Atalaia (Montijo)”. *Piedade Popular: Sociabilidades – Representações – Espiritualidades: Actas do Colóquio Internacional*. Lisboa: Terramar, 1999. 517-535.

Fiores, Stefano De. “Imaculada Conceição”. *Christos: Enciclopédia do Cristianismo*. Dir. e coord. ed. Cristina Cappa Legora, Lucio Lamarque e Sergio Sabbadini. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2004. 432.

Franco, José Eduardo (dir.). *Lugares Sagrados de Portugal*. Coord. Joana Balsa de Pinho. 2 vols. Lisboa: Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes e Círculo de Leitores, 2016.

Gomes, Paulo Varela. “Arquitectura”. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. 113-115.

Gouveia, António Camões. “Procissões”. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Vol IV. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001. 67-72.

Hatton, Barry. *Os Portugueses*. Tradução de Pedro Vidal. Lisboa: Clube do Autor, 2011. [Original inglês: *The Portuguese: A Modern History*. Oxford: Signal Books, 2011].

Holland, Lord, Lady Holland e Dr. John Allen. *Três diários de viagem em Portugal em 1808-1809*. Investigação, tradução, introdução e notas de José Baptista de Sousa. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011.

Hooper, Glenn and Tim Youngs (eds). *Perspectives on Travel Writing*. Aldershot, England and Burlington, Vermont, USA: Ashgate, 2004.

Hulme, Peter and Tim Youngs (eds). *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Jackson, Lady. *A Formosa Lusitânia: Portugal em 1873*. Tradução e notas de Camilo Castelo Branco. Prefácio de Maria Zulmira Castanheira. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007. [Original inglês: *Fair Lusitania. With twenty illustrations from photographs*. London: Richard Bentley and Son, 1874.]

“James Murphy”. <<http://www.mosteirobatalha.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=255>>

Kinsey, William Morgan. *Portugal Illustrated: in a series of letters*. 2nd ed. London: published for the author by Treuttel and Würtz, Treuttel Jun. and Richter: printed by A.J. Valpy, 1829 [1828].

Legora, Cristina Cappa, Lucio Lamarque e Sergio Sabbadini (dir. e coord. ed.). *Christos: Enciclopédia do Cristianismo*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2004.

Leite, Rita Mendonça. *Representações do Protestantismo na Sociedade Portuguesa Contemporânea: da Exclusão à Liberdade de Culto (1852-1911)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa /Universidade Católica Portuguesa, 2009.

Lemaître, Nicole, Marie-Thérèse Quinson e Véronique Sot. *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.

Livermore, H.V. “A Aliança Anglo-Portuguesa: Perspectiva Histórica”. *600 Anos de Aliança Anglo-Portuguesa = 600 Years of Anglo-Portuguese Alliance*. Londres: Foreign Office, [s.d.].

Macaulay, Rose. *Ingleses em Portugal*. Tradução de Maria Fernanda Gonçalves e António Álvaro Dória. Porto: Livraria Civilização, 1950. [Original inglês: *They Went to Portugal*. London: Jonathan Cape, 1946].

Machado, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. 2^a ed. rev. e aum. Lisboa: Presença, 2001.

Marcocci, Giuseppe e José Pedro Paiva. *História da Inquisição Portuguesa (1536-1821)*. 2^a ed. Lisboa: Esfera dos Livros, 2016.

Marques, João Francisco. “Antiprotestantismo: A oposição crítica ao protestantismo pelo catolicismo em Portugal”. *Dança dos Demónios: Intolerância em Portugal*. Coord. António Marujo e José Eduardo Franco. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2009. 203-263.

Martins, Isabel Oliveira. *William Morgan Kinsey: Uma Ilustração de Portugal*. Lisboa: Edições 70, 1987.

Marujo, António e José Eduardo Franco (coord). *Dança dos Demónios: Intolerância em Portugal*. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2009.

Medina, João. *Caricatura em Portugal: Rafael Bordalo Pinheiro, pai do Zé Povinho*. Lisboa: Edições Colibri, 2008.

---. “Zé Povinho e John Bull: o choque de dois estereótipos nacionais durante a crise do Ultimato”. *Caricatura em Portugal: Rafael Bordalo Pinheiro, pai do Zé Povinho*. Lisboa: Edições Colibri, 2008. 107-133.

“Mr. A. C. Smith's ‘Birds of Wiltshire’”. *Nature: international weekly journal of science*, Volume XXXVII, number 965 (April 26, 1888). 601-603. <<https://dokumen.tips/documents/mr-a-c-smiths-birds-of-wiltshire.html>>

Murphy, James Cavanah. *Plans Elevations Sections and Views of the Church of Batalha, in the Province of Estremadura in Portugal, with the History and Description by Fr. Luis de Sousa; with remarks. To which is prefixed an Introductory Discourse on the Principles of Gothic Architecture*. London: printed for I. & J. Taylor, 1795a.

---. *Travels in Portugal; through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the years 1789 and 1790: Consisting of Observations on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities, &c. of that Kingdom*. London: A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies, 1795b.

Navarro, Ana Rita de Sá Soveral Padeira. *Uma Visão Artística de Portugal: James Murphy e a sua obra*. Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: 1986.

[Neale, John Mason]. *Handbook for Travellers in Portugal. With a Travelling Map*. London: John Murray/ Paris: A & W. Galignani and Co.; Stassin and Xavier, 1855.

Oldknow, Joseph. *A Month in Portugal*. London: Longman & Co. /Birmingham: B. H. Leather, 1855.

Oliveira, Nuno. “Alfred Smith (1822-1898), pioneiro do turismo ornitológico em Portugal.” *Got: Revista de Geografia e Ordenamento do Território* 7 (2015). 271-282. <<http://cegot.org/ojs/index.php/GOT/article/view/2015.07.012/pdf>>

Penteado, Pedro. “Alcobaça”. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. 32-38.

---. “Santuários”. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Vol. IV. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001. 164-178.

Pereira, Paulo. *Arte Portuguesa: História Essencial*. Lisboa: Temas & Debates/Círculo de Leitores, 2011.

Pinto, Ana Lília, Fernanda Meireles e Manuela Cernadas Cambotas. *História da Arte Ocidental e Portuguesa, Das Origens ao Final do Século XX*. Porto: Porto Editora, 2006.

---. *Arte Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2010.

Pires, Maria Laura Bettencourt. *William Beckford e Portugal*. Lisboa: Edições 70, 1987.

Ramos, Luís A. Oliveira, Jorge Martins Ribeiro e Amélia Polónia (coord.). *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*. 2 Vols. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001.

Ribeiro, Jorge Martins. “O Anglicanismo em Portugal do Século XVII ao XIX”. *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*. Coord. Luís A. Oliveira Ramos, Jorge Martins Ribeiro e Amélia Polónia. Vol. II. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001. 339-353.

Saint-Laurent, Cónego Thomas e Simão Pedro de Aguiã. *A Virgem Maria- Padroeira e Rainha de Portugal e de Todos os Povos de Língua Portuguesa*. Porto: Civilização Editora, 1996.

Silva, Alberto Júlio. *Os Nossos Santos e Beatos: e outros que Portugal adotou*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2012.

Simões, Maria João (coord.). *Imagotipos Literários: Processos de (Des)Configuração na Imagologia Literária*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011.

Smith, Alfred Charles. "A Sketch of the Birds of Portugal". *The Ibis, a Quaterly Journal of Ornithology*. Edited by Alfred Newton, M.A. Vol. IV, Chapter XXXIV (1868): 428-460. <[file:///C:/Users/ASUS/Documents/TheIbis1868_10605713%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ASUS/Documents/TheIbis1868_10605713%20(1).pdf)>

---. *Guide to the British and Roman antiquities of the North Wiltshire downs in a hundred square miles round Abury. Being a key to the large map of the above*. Marlborough?: Marlborough College Natural History Society, 1884.

Sousa, Celeste H. M. Ribeiro de. *Do cá e do lá: introdução à imagologia*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

Sousa, Rogério. "Bom Jesus do Monte e Nossa Senhora do Sameiro". *Lugares Sagrados de Portugal*. Dir. José Eduardo Franco. Coord. Joana Balsa de Pinho. Vol. I. Lisboa: Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes e Círculo de Leitores, 2016. 55-59.

Southey, Robert. *Letters written during a short residence in Spain and Portugal, with some account of Spanish and Portugeuze poetry*. Bristol: printed by Bulgin and Rosser, 1797.

Theroux, Paul. *A Arte da Viagem*. Lisboa: Quetzal, 2012.

Thompson, Carl. *Travel Writing*. London and New York: Routledge, 2011.

Thompson, Thurston. *The sculptured ornament of the Monastery of Batalha in Portugal: Twenty photographs by the late Thurston Thompson, with a descriptive account of the building*. London: Published by the Arundel Society for Promoting the Knowledge of Art: And Bell and Daldy, 1868.

Vicente, Ana. *As Mulheres Portuguesas Vistas por Viajantes Estrangeiros (Séculos XVIII, XIX e XX)*. Lisboa: Gótica, 2001.

Youngs, Tim. *The Cambridge Introduction to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

Anexo

